



DL-01

Ses. Esp. 21/03/13

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Bom-dia a todos. Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, que comemoramos no dia 8 de março, sessão especial proposta pela Comissão dos Direitos da Mulher.

Enquanto Tate se organiza, eu gostaria de convidar pessoas muito especiais para aqui dialogarem com esta plenária linda.

Procederemos à formação da Mesa.

Convido a secretária de Política para Mulheres, a nossa companheira Vera Lúcia Barbosa, que aqui representa o governador Jaques Wagner; a Sr^a Vice-Presidente da Comissão dos Direitos da Mulher, deputada Graça Pimenta; a Sr^a Major do Corpo de Bombeiros Ana Fausta de Assis Araújo, representante do comandante-geral da PM, coronel Alfredo Castro; a Sr^a Professora, nossa querida pós-doutora de Ciência Política da UFBa, Ana Alice Costa; a Sr^a Coordenadora do Centro Humanitário de Apoio à Mulher, Organização Chame, Jaqueline Leite; a Sr^a Coordenadora de Cidadania e Acesso à Terra do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Isolda Dantas; a Sr^a Diretora de Mulheres da Unine e representante da Marcha Mundial de Mulheres, Liliane Oliveira.

E, agora, tenho a satisfação de dizer que teremos uma apresentação musical com a querida amiga, Tate Lima.

(Apresentação musical)



4932-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Neusa Cadore

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Convido a deputada Graça Pimenta para assumir a presidência desta sessão enquanto faço meu pronunciamento. Antes, convido a coordenadora da Bancada Feminina da Casa, nossa querida deputada Fátima Nunes, para fazer parte da Mesa. (Palmas)

A Sr^a NEUSA CADORE:- Exm^a Presidente desta sessão, deputada Graça Pimenta, vice-presidente da Comissão Direitos da Mulher; nossa querida Lucinha, secretária de Política para as Mulheres, representando aqui o nosso governador Jaques Wagner, representante das mulheres baianas; Sr^a Deputada Fátima Nunes, coordenadora da Bancada Feminina na Assembleia Legislativa, representando as mulheres do sertão; Sr^a Ana Fausta de Assis Araújo, Major do Corpo e Bombeiros, representante do comandante geral da PM, coronel Alfredo Castro; Sr^a Professora, pós-doutora em Ciências Políticas pela UFBa, do NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, nossa querida Ana Alice Costa; Sr^a Coordenadora do Centro Humanitário de Apoio à Mulher, Jaqueline Leite; Sr^a Coordenadora de Cidadania e Acesso à Terra do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Isolda Dantas; Sr^a Diretora de Mulheres da UNE e representante da Marcha Mundial das Mulheres, Liliane Oliveira; queria, em nome da Comissão de Direitos da Mulher, em nome desta Casa, saudar com muita alegria todas as companheiras que vieram das várias regiões do Estado da Bahia, as representações dos movimentos feministas, dos movimentos de mulheres, as instituições que estão presentes, que vamos oportunamente registrar, e as nossas queridas deputadas estaduais. Também saúdo os deputados que estão aqui e que vamos citar oportunamente.

Mais uma vez estamos nesta Casa e não poderíamos deixar de nos associar a esse sentimento que cresce, que é comemorar o Março Mulher, mas não só o Março Mulher, que



é de todas nós e de todos nós, porque essa marcha precisa ser da sociedade, caminhando na direção da busca da efetivação dos nossos direitos.

Quando vemos aqui, quando descemos e abraçamos as nossas companheiras e companheiros temos a certeza de que este Plenário retrata a diversidade de espaços que ocupamos. Este Plenário retrata que estamos, sim, fazendo história, deixando a nossa marca na história, cada uma com a sua própria história de resistência, de bandeira levantada, de sonho.

E, aqui, queria destacar alguns lugares onde estamos. Continuamos, é verdade, donas de casa, professoras, mas já somos presidente da República, juízas, trabalhadoras rurais, secretárias, costureiras, médicas, agricultoras: 45% das mulheres, hoje, estão no mercado de trabalho. Na última década crescemos 10 pontos, porque a cada momento, a cada dia estamos superando barreiras, com ousadia, com coragem. Apesar da jornada dupla, tripla de trabalho, as mulheres seguem adiante.

Na Marcha Mundial, na Marcha das Margaridas, nos pequenos municípios, somos essa multidão de guerreiras, de cidadãs, de mães, de mulheres que estão gerando uma vida nova para esta sociedade.

Hoje, queremos celebrar que na última década aconteceram coisas muito importantes nessa nossa caminhada. Podemos dizer que a última década é um divisor de águas para a luta das mulheres por causa do governo do Partido dos Trabalhadores, que desde o seu nascimento deixou muito claro o entendimento de que a luta política tem que contemplar o reconhecimento dos direitos das mulheres. Foi nesse governo que se criou, pela primeira vez, um organismo nacional, com status de ministério, para tratar de políticas para as mulheres, para mostrar que esse governo entende que a luta pela democracia tem que contemplar a questão que nós, mulheres, levantamos ao longo da história em todos os lugares do mundo.

Nesses 10 anos, o nosso País vem passando por uma verdadeira revolução democrática, combinando o desenvolvimento econômico com a luta pela redução das desigualdades sociais, de raça e de gênero. E é nesse sentido, nós sabemos, que a SPM tem



um papel muito importante. E aqui na Bahia, Lucinha, nós nos orgulhamos, porque foi uma luta muito grande. Foi apenas no segundo governo de Wagner, mas a gente quer saudar essa companheira, porque você representa muito bem esse espaço que dialoga com todas as lutas e que, dentro do governo, defende esse entendimento de que democracia se faz também quando a gente contempla, sim, as mulheres.

Sabemos que é esse jeito novo de atuar que tem contribuído para a criação de espaços de diálogo e de articulação com a sociedade civil, de apoio aos movimentos feministas e aos grupos que estão pautando políticas públicas. Isso tem feito diferença, sim. Mas, sempre que a gente para para conversar sobre esse universo, essa sociedade marcada pela desigualdade, percebemos que o caminho ainda é muito árduo. Por isso cada momento de mobilização, de reflexão é muito importante. O Brasil deve muito ainda às mulheres. O mundo deve muito ainda às mulheres. Mas esse nosso movimento está crescendo em todos os cantos do mundo. Assistimos a cada ano a novas formas de articulação, a novas formas de unir vozes, a novas formas de lutas.

Convivemos ainda com um sistema cultural patriarcalista, machista, perverso. O Brasil está quase no topo, entre 100 países, estamos na sétima posição como país que mais vitimiza as suas mulheres. Nos últimos 30 anos, foram 92 mil mulheres que tombaram vítimas da violência em suas casas. Nós cobramos segurança pública dos governos, e as mulheres querem segurança dentro de suas casas, temos direito a uma vida sem violência. Esse é um tema muito caro e que dá o tom do quanto a sociedade ainda banaliza essa cultura da violência que tanto afeta, tanto entristece e tanto prejuízo traz à sociedade. Não podemos continuar banalizando o tráfico de mulheres, os estupros. Não podemos nos conformar com o que acontece hoje, com o que aconteceu há poucos dias, deputada Luiza Maia, dando provas de que a violência é mesmo banalizada, que foi o adiamento da Banda New Hits para setembro, um fato muito conhecido por todos nós. O dado que, infelizmente, é real e comprovado: apenas 2% dos crimes contra as mulheres têm condenação apesar da nossa grandiosa Lei Maria da Penha, que levou 20 anos para ser aprovada. O Brasil, a Bahia,



companheira Lucinha, precisa avançar nos instrumentos que dão garantia à aplicabilidade da Lei Maria da Penha.

Nessa semana, o Conselho Nacional de Justiça divulgou uma pesquisa dando conta que em todo o Nordeste, com nove Estados, a segunda região mais populosa do Brasil, só há 15 Varas que cuidam da violência, ou Juizados da Violência Doméstica e Familiar. Esperamos que o programa lançado recentemente pela nossa presidenta, de nome Mulher Viver Sem Violência, traga novas perspectivas para nossa luta e concretamente condições para que os instrumentos estejam disponibilizados.

Queremos uma DEAM em cada território; queremos centro de referência; queremos casas-abrigo; queremos espaços para que as mulheres que querem denunciar sejam encorajadas quando virem que há apoio institucional, apoio da sociedade efetivamente na luta contra a violência.

Se de um lado essa questão é urgente, não poderia deixar de falar, e sei que terá uma palestra especial sobre isso, outro desafio da nossa luta é que, mesmo tendo uma presidente da República, convivemos ainda com dados que mostram que a mulher é sub-representada nos espaços de poder. Então queremos a reforma política com direito ao financiamento público de campanha, com direito à lista de nomes alternados onde tenhamos mais condição de garantir a presença igualitária, crescente de mulheres nos espaços do poder.

No meio rural, sei que aqui temos representantes de trabalhadoras rurais, é preciso também continuar avançando com mais força na promoção da igualdade entre homens e mulheres, tirando da invisibilidade a contribuição enorme que mais de 16 milhões de mulheres do campo têm gerado para o nosso Brasil.

Sabemos, quando falamos na questão do trabalho, que mais de 80% das mulheres colocam hoje como demanda para o Estado Brasileiro a necessidade de creches para que seja garantido o nosso direito de ocupar o mercado de trabalho e ter a certeza de que o Estado reconhece o nosso direito, a nossa contribuição e garanta que tenhamos o lugar adequado para deixar nossos filhos.



Também queria dizer da alegria, neste mês de março, de estarmos vendo que em Brasília, por luta da nossa querida senadora do Rio de Janeiro, senadora negra, deputada federal que defendeu a PEC das domésticas, temos 7 milhões de trabalhadoras domésticas, na sua maioria mulheres negras, e queremos que essa PEC votada saia do papel. Esse é um desafio que não vai ser mole, mas somos muitas e somos corajosas, temos consciência dos nossos direitos. Essa tem que ser uma bandeira de todos e de todas.

Para finalizar, companheiras e companheiros, quero dizer que a nossa comissão, este espaço aqui é de afirmação, um espaço que quer representar essa luta, que quer agradecer a todas as parcerias, todas as pessoas que têm dialogado conosco. E tenho certeza que as nossas deputadas e deputados, que estão também na nossa comissão, sabem que as mulheres estão conquistando o direito de que esta Casa seja muito parceira e que os nossos mandatos sejam parceiros, que contribuam para o fortalecimento dos movimentos em todos os municípios, com a criação de conselhos municipais para a defesa de que tenhamos os organismos nos territórios.

A nossa luta tem um leque grande de desafios, mas sabemos que tem muita gente no anonimato. Lutando para que a nossa corrente vá crescendo, que essa marcha é um caminho irreversível. As mulheres estão fazendo história, e nesse sentido quero parabenizar e agradecer a presença de todos e todas e dizer a vocês que esta luta é importante!

Muita força, muito carinho nessa luta, muita ousadia. Grande abraço e parabéns a todas! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4933-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Liliane Oliveira

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTE (Graça Pimenta):- Concedo a palavra a Liliane Oliveira, diretora de mulheres da UNE e representante da marcha mundial de mulheres, pelo tempo de 10 minutos.

A Sr^a LILIANE OLIVEIRA:- Bom-dia a todos e a todas.

Muito importante estar presente não só nesta mesa, mas neste espaço aqui que é a casa do povo, construindo um debate muito importante para a nossa sociedade, que representa mais da metade da nossa população, que são as mulheres, e é fundamental que a Assembléia Legislativa consiga dar conta de discutir esses temas, e não só no 08 de março.

Saúdo a Mesa por esta iniciativa, na figura da companheira Neusa Cadore, presidente da Comissão de Direitos das Mulheres, e em nome de todas as companheiras deputadas presentes, que constroem a luta no dia a dia, em nome da companheira Luiza Maia, que também foi presidente desta Comissão e tem conseguido travar, principalmente junto com o movimento social, muitas lutas para a sociedade.

Eu sou diretora de mulheres da UNE, sou estudante da UFBA, sou a única jovem desta Mesa...(risos), jovem é até 29, gente, eu estou falando pelo que o IBGE trata. Mas, é importante frisar essa questão geracional, porque para nós, mulheres jovens e tão apontadas em todas as pesquisas sobre violência doméstica que nós somos a maior parcela da população que vem enfrentando e vem convivendo com violência. Não só mais no ambiente doméstico, mas no conjunto dos espaços que ocupamos na sociedade, seja na universidade, seja nas escolas, seja no mundo, no trabalho, nós jovens estamos cada vez mais precarizadas e sofrendo cada vez mais com a violência.

A gente precisa romper com esse paradigma cultural que oprime, que expressa uma violência contra as mulheres na sua forma material, psicológica, simbólica, e a gente



precisa superar com a divisão sexual do trabalho, com a noção do capitalismo que cada vez mais explora a vida e o corpo das mulheres, e mercantiliza todas as nossas relações.

Para nós, na UNE, a universidade é um espaço dessa disputa muito importante, não só do ponto de vista da quantidade, hoje, de mulheres que nós temos na universidade, na última década, como Neusa apresentou. Nós temos crescido muito, hoje as mulheres são, na universidade, mais de 60% nos cursos de graduação, e se a gente vai contar na questão da docência, somos metade das docências. Agora, qual o conhecimento que nós produzimos? Ele não é centrado nas nossas vidas e nas nossas demandas; ele não é centrado em garantir a nossa permanência, seja por conta de algum problema da assistência estudantil ou porque nós engravidamos e a gente é expulsa das residências, mas os meninos não, a gente não pode levar os nossos filhos para as salas de aula, porque os professores pedem para que a gente se retire junto com eles. Então, nós, mulheres, temos diferenças muito grandes que nos colocam para fora dos espaços de poder, dos espaços da educação, e que nós precisamos romper, precisamos construir essas alternativas.

Na UNE nós temos consolidado a ação da diretoria de mulheres, eu sou a quinta diretora de mulheres da UNE que está assumindo essa tarefa de construir o espaço de auto-organização das mulheres, de construir esse debate, não só entre as mulheres, mas para o conjunto da educação, seja nas nossas últimas lutas aí, a questão da luta dos 10% para a educação ou dos 100% dos royalties do petróleo para a educação, porque essa é uma luta de todos e de todas. A gente quer mais investimento da educação para ter mais investimento para que as mulheres permaneçam na universidade, e que a gente consiga, de fato, mudar o conhecimento que nós produzimos, que ainda não representa a nossa vida, não representa a maioria da sociedade. A gente não pode ou legislar ou educar só para uma menor parcela da nossa população, a gente tem que educar para a maioria, a gente tem que legislar para a maioria e construindo igualdade. Essa é uma tarefa que nós propomos e temos construído cotidianamente.

Para a UNE esse espaço da construção do debate feminista é muito caro, e não é à toa que nós estamos chegando à 5ª edição do encontro de mulheres estudantes da UNE, que



é o espaço de auto-organização das mulheres estudantes do país. E eu convido aqui todas que possam participar, as nossas companheiras deputadas também, para que estejam presentes, do dia 29 ao dia 31 de março, na cidade de Camaçari, quando nós realizaremos a 5ª edição do EME.. Estamos esperando, mais ou menos, umas 700 companheiras de diversas partes do país para, junto com a gente, discutir o papel da universidade e a afirmação de que somos todas feministas. Nós achamos isso fundamental para o processo de mobilização, de articulação, não só das mulheres dentro do movimento estudantil, mas para a disputa de sociedade, a partir da afirmação do feminismo, a partir da afirmação da luta pela igualdade, que é o que a gente vem construindo todos os dias.

Enquanto militante também, porque não é somente ser da União Nacional dos Estudantes, também sou militante feminista da Marcha Mundial de Mulheres, e isso para mim representa muita coisa, representa o horizonte das lutas que nós viemos travando, e isso se reflete nas lutas, principalmente das jovens, dentro da marcha. A gente tem conseguido, cada vez mais, dialogar com o conjunto das jovens universitárias, montando coletivos feministas, espaços de auto-organização de luta das mulheres. Dentro das universidades deste País, isso representa muita coisa, representa mais mulheres organizadas conosco para a luta, representa mais mulheres fazendo pressão social na universidade, para que ela, realmente, modifique-se, pinte-se de lilás, pinte-se com as cores da igualdade. Essa luta, para nós, da construção de igualdade entre homens e mulheres perpassa por romper a divisão sexual do trabalho, perpassa por garantir liberdade e autonomia para as mulheres sobre seus corpos e suas vidas, perpassa pela luta e pelas garantias ao trabalho digno, seguro, sem violência.

Aproveito esse espaço para também fazer uma crítica ao *Correio da Bahia*, matéria de hoje que chama uma grande vitória para nós, mulheres, principalmente, para nós mulheres negras, a equiparação de direitos em relação aos direitos trabalhistas, com a PEC das empregadas domésticas. O *Correio* faz questão de tratar todas nós, porque nós mulheres negras somos a maioria das empregadas domésticas, como “empreguetes”, que vão ficar mais caras para as madames.



Não queremos isso. Queremos romper com a lógica de que são as mulheres negras que vão para o trabalho doméstico, de que são as mulheres negras que estarão com o trabalho reprodutivo da forma mais precarizada, que somos nós, as jovens, que vamos estar nesse espaço precarizado e sobrecarregadas com todas as tarefas do cuidado. (Palmas) Queremos romper com isso e é para isso que estamos em luta, é para isso que a gente vem conseguindo esse conjunto de vitórias, tanto com a realização do 5º EME da UNE, aqui na Bahia, quanto com todo o acúmulo político que tivemos. A UNE e a marcha mundial estarem sentadas nesta Mesa representam também essa luta que para nós é todo dia, e nós reafirmamos que seguiremos em marcha até que todas sejamos livres. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4934-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Isolda Dantas

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Obrigada, Liliane.

Agora, a gente concede a palavra a Isolda Dantas, que é a Coordenadora da Cidadania e Acesso à Terra do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Departamento de Inclusão Produtiva das Mulheres e o Projeto Margarida. (palmas)

A Sr^a ISOLDA DANTAS:- Esse microfone parece que é para homens. Nós, baixinhas, sofremos com isso. Bom-dia a todas, desejo que os homens se sintam contentados no todas, gostaria, especialmente, de agradecer o convite do Ministério de Desenvolvimento Agrário, à nossa deputada Neusa Cadore, muito obrigada por ter nos convidado a estarmos, aqui, hoje.

Em seu nome, eu saúdo todas as companheiras que estão presentes na Mesa. Gostaria de saudar todas as companheiras, desde deputadas às lideranças feministas e movimentos sociais, a companheira Luiza. Fizemos, recentemente, um debate muito interessante em Brasília e gostaria de trazer aqui para todas um abraço da nossa diretora Carla Hora, que hoje está em Brasília lançando, junto com a Contag, a 2^a Mostra da Marcha das Margaridas.

Mas o que nos traz aqui é convidar a sociedade baiana, especialmente, as companheiras deputadas desta Casa, a fazer uma reflexão. O mês de março é, realmente, um mês de comemoração, mas é também o mês que temos que olhar para o conjunto de desigualdade que ainda determina e está presente no cotidiano das mulheres e aqui, especialmente, no cotidiano das mulheres rurais.

É visível que essas desigualdades se expressam de forma muito mais cruel no meio rural, e a nossa secretária Lucinha confirmará essa situação que essas mulheres rurais vivem. Como vivemos numa sociedade machista, “androcêntrica”, baseada nos valores masculinos, isso no rural é muito mais forte.



Eu queria destacar que uma das principais desigualdades que se expressa na vida das mulheres é a invisibilidade do seu trabalho. Nós, mulheres, e aí quero recorrer a um conceito da economia feminista que nos diz que a invisibilidade do trabalho das mulheres sustenta o modelo capitalista. A invisibilidade do trabalho das mulheres sustenta essa sociedade que o tempo todo determina que é dicotômica, e o que é isso? Nós, mulheres, garantimos a sustentabilidade da vida humana. Nós cuidamos desde as crianças, os idosos, as pessoas doentes ou com deficiência, mas também cuidamos de toda força de trabalho, seja rural ou urbano.

Então, esse modelo capitalista que aí está, centrado no produtivo, só existe, só sobrevive graças a um trabalho gratuito e invisível das mulheres. E é nesse momento que temos que refletir a necessidade de termos o trabalho das mulheres, o cuidado. E cuidado aqui não só do trabalho doméstico, o trabalho do afeto, tudo que dedicamos a nossa vida. É fundamental que a gente ponha na nossa reflexão que ou colocamos esse trabalho como central, como fundamental no desenvolvimento e funcionamento da sociedade, ou ela não será igual, não será sustentável.

Quero recorrer aqui a um outro conceito, a uma outra ferramenta que os movimentos têm se utilizado, que é o da economia solidária. É muito importante nos apropriarmos que é fundamental alterar nosso modelo de consumo. Temos que alterar nosso modelo de produção para podermos construir igualdade. Não é possível que se dê valor apenas ao que é monetário. Temos que alterar nossa lógica de valor, porque o que é importante não é só o que é monetário. A economia solidária tem nos mostrado isso e tem estabelecido um diálogo forte com a economia feminista.

Queria recorrer a um outro elemento, que é a agroecologia. Para as mulheres rurais, construir a soberania alimentar é fundamental. E recorrer à matriz produtiva da agroecologia é determinante para garantir a soberania alimentar. E as mulheres, no meio rural, são as que mais produzem para o autoconsumo, para sustentar suas famílias. São as que mais produzem de forma sustentável, com diversidade, as nossas sementes... (palmas). E com um elemento muito importante, sem usar veneno, sem usar agrotóxico. Isso é



fundamental. E as mulheres do meio rural têm provado que é possível construir soberania alimentar, que é possível construir alimento com qualidade a partir das suas experiências e das suas histórias de vida.

Queria dizer que temos que romper com uma outra ferramenta - Lilia já resgatou aqui – que é a divisão sexual do trabalho. Essa é uma expressão cotidiana na nossa vida, e ela se expressa quando a gente invisibiliza e desvaloriza. Vou usar um exemplo urbano para demonstrar isso. Nós, mulheres, cozinhamos todos os dias, mas os grandes chefes de cozinha são homens. (Palmas) Isso significa atribuir valor diferenciado a partir do sexo que realiza o trabalho. Essa é a real divisão sexual do trabalho que coloca as mulheres na invisibilidade, que coloca as mulheres na pobreza. Temos que romper com isso. Essa é uma tarefa não só da sociedade, mas também de quem é gestora na constituição de políticas públicas.

E aqui quero resgatar que nas últimas décadas este governo, o governo brasileiro do presidente Lula e da presidenta Dilma tem construído políticas que, de fato, têm trazido para as mulheres rurais e urbanas um outro lugar. Um lugar de protagonista, um lugar de construtora de um mundo igual. Quero aqui destacar que o Ministério do Desenvolvimento Agrário, juntamente com a secretaria de política para as mulheres da presidência da República, tem construído políticas desde o acesso à cidadania, quando ofertamos um programa nacional de documentação da trabalhadora rural, quando garantimos que as mulheres são prioridade no acesso à terra, quando garantimos que obrigatoriamente a terra tem que ser do homem e da mulher, quando garantimos que *Minha Casa Minha Vida* no campo vai ser no nome da mulher – e já está sendo – quando garantimos que o *Bolsa Família* tem que ser no nome das mulheres. Essas são políticas que garantem as mulheres como protagonistas.

Quero aqui destacar também as políticas de inclusão produtiva, e quero me voltar para a Bahia. Fruto da determinação da nossa secretária estadual de políticas para as mulheres, Lucinha Barbosa, temos aqui na Bahia um projeto que se chama projeto Margaridas. É um projeto que traz e que leva acesso não só à cidadania, como à documentação civil e também à documentação jurídica que é determinante para as mulheres



terem mecanismos de produzir e de comercializar a sua produção. Esse projeto também traz e potencializa a participação das mulheres no território da cidadania. É importantíssimo garantir condições para que as mulheres possam participar, não apenas participar para estar presente, mas participar como parte da decisão. Para onde vão os recursos, para onde se vão determinar os recursos que passam pelo território da cidadania?

Quero aqui destacar também todas as políticas que temos de acesso a crédito para as mulheres, como o Pronaf Mulher, e a assistência técnica especializada para as mulheres rurais. Quero destacar aqui as políticas de comercialização. É muito importante que as mulheres apareçam e se determinem como sujeitas ativas da economia rural como elas são, e aqui destaco o programa de compras públicas. O programa de aquisição de alimentos hoje determina que 5% da sua dotação orçamentária obrigatoriamente tenha que ser acessada pelas mulheres. Isso faz muita diferença, a gente garimpar recursos para as mulheres, porque não só a gente garante a transformação da vida cotidiana das mulheres, como também a gente garante as mulheres presentes e visibilizando sua produção.

Para terminar, quero dizer que tenho muito orgulho de ser parte do governo da presidenta Dilma, de ser parte do Ministério do Desenvolvimento Agrário, na Secretaria de Políticas para as Mulheres. E acabamos de definir que a 2ª Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável será paritária entre homens e mulheres. (Estou vendo que meu tempo acabou.) Isso faz muita diferença. Quero convidar a Bahia a construir essa paridade junto conosco. As conferências acontecerão nos territórios, acontecerá em nível estadual e nós teremos a primeira conferência no Brasil de forma obrigatória com a paridade entre homens e mulheres.

Quero agradecer a deputada Neusa Cadore mais uma vez pelo convite e dizer que nós estamos construindo um Brasil sustentável, com cidadania, mas acima de tudo estamos construindo um Brasil com igualdade entre homens e mulheres.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

**4935-III****Ses. Esp. 21/03/13****Or. Jaqueline Leite****O Dia Internacional da Mulher.**

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Muito obrigada, Isolda. Gostaríamos de registrar algumas presenças. Temos muitas representações começando pelas nossas deputadas Luiza Maia, Ivana Bastos, Maria Luiza Laudano, Kelly Magalhães, Maria del Carmen, os deputados Bira Corôa, Marcelino Galo e Carlos Geilson, também agradecer a presença e registrar que está aqui conosco o reitor da Uneb, nosso querido professor Valentim; também está a vice-reitora Adriana Marmori; registrar a presença da nossa querida Ana Pinheiro; a presença de Daise Oliveira, coordenadora da Casa Abrigo da Mulher e vamos ao longo da sessão também saudando as representações outras.

Quero saudar as mulheres da Associação de Mulheres de Pintadas, minha querida Pintadinha, que é um grupo grande; saudar a presença do Movimento População de Rua, aqui de Salvador; o Movimento Nacional de População de Rua; o Movimento Negro; a Coordenação do Núcleo de Defesa da Mulher, Defensoria Pública; a representação da Prefeitura Municipal de Entre Rios; a representação da Secretaria Municipal de Defesa da Mulher; a Paróquia Nossa Senhora da Luz; o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos, que está aqui em peso; a representação da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (palmas), a representação da Secretaria de Justiça (palmas), representação do ISBA (palmas). Logo mais, a gente saúda outras pessoas que nos dão a honra de estarem aqui conosco.

Dando continuidade aos trabalhos, concedo a palavra, pelo tempo de sete minutos, a Jaqueline Leite, coordenadora da Chame – Centro Humanitário de Apoio à Mulher – uma organização muito importante. (Palmas)

A Sr^a JAQUELINE LEITE:- Bom-dia a todas e a todos. Em sete minutos, vou resumir muito. Saúdo a Mesa, todas as companheiras e, em especial, Analice que foi quem abrigou o Chame quando chegamos a Salvador em 1994. Ficamos no NEIM – Núcleo de



Estudos Interdisciplinares da Mulher – até o ano de 2001 e nos tornamos uma ONG. Não tenho tempo de explicar muito mais.

O que vou tratar, hoje aqui, é um tema bastante complexo. Percebemos que foram muitas lutas com relação aos direitos das mulheres. Porém existe uma mazela muito grande que ainda domina o mundo inteiro: a questão do tráfico de mulheres.

Se formos dar uma revisada em relação a isso, percebemos que as mulheres, desde a época em que as africanas foram trazidas para o Brasil e levadas para outros lugares do mundo, elas vêm sendo exploradas não somente na questão da plantação, mas também eram utilizadas pelos seus senhores como objeto sexual.

A partir disso, dos anos de 1900 a 1950, percebemos já uma movimentação de mulheres europeias que vieram para o novo mundo: as Américas. Essas mulheres, também, vinham de acordo com as necessidades de sair de seus países, porque a Europa passava pelo final de duas grandes guerras. Essas mulheres buscavam trabalho e uma vida melhor em um país mais promissor.

Depois disso, tivemos, na década de 1970, as mulheres asiáticas que começaram, também, a se deslocar para a Europa ocidental em especial. Após, nos anos de 1980, percebemos a movimentação de mulheres latino-americanas, em especial, brasileiras e dominicanas, que, também, se locomoviam e se mudavam para países europeus. Na década de 1990, depois da queda do Muro de Berlim, as mulheres do bloco do leste europeu passam, também, a se movimentar para a Europa ocidental.

Então, percebemos que, ao longo do tempo, as mulheres sempre se movimentam para ou com fins de; a não ser as mulheres africanas, logicamente, trazidas forçosamente. Mas as outras se locomoveram, porque, sim, tinham vontade e porque, sim, queriam migrar para melhorar a sua situação familiar e para sustentar seus filhos e sua família que ficavam no lugar de origem.

A partir disso, percebemos que, no Brasil, existem algumas vulnerabilidades importantes para salientar como, por exemplo, a vulnerabilidade econômica. Sabemos que as mulheres ganham 40% menos que os homens. Falo sobre a vulnerabilidade social. Existe



uma discriminação de gênero, violência doméstica, violência urbana, discriminação racial, enfim.

Existe, também, a vulnerabilidade cultural, em especial da brasileira, na qual há a imagem da sensualidade da mulher brasileira tanto no erotismo diário quanto nas propagandas de turismo sexual ou na literatura ou, ainda, na língua, enfim. Então essas vulnerabilidades facilitam para que essa mulher tenha essa mobilidade ou queira sair do seu país para poder ter uma vida mais digna.

Percebemos, também, a característica da migração feminina. Vou falar um pouco sobre migração, como falei no começo, mas acoplado à questão do tráfico, pois são duas coisas distintas mas que, em alguns momentos, elas se juntam. Estou tentando ser bem rápida em minha fala.

Vejam, 80% das mulheres que migram são mães. Isso explica a responsabilidade materna e a irresponsabilidade paterna. Com todo o conhecimento que já foi falado aqui que vivemos num país machista e de raízes patriarcais fortíssimas, no entanto, são as mulheres que arcam, na realidade, com a responsabilidade dos filhos, filhas e manutenção.

A invisibilidade do trabalho feminino também já foi mostrado, assim como a migração com o objetivo de manter a família que fica. São vários motivos que fazem com que as mulheres saiam, aumentando a possibilidade do tráfico.

É necessário contemplar também outras finalidades do tráfico, não somente a da exploração sexual. Se ficarmos cegos, abordando apenas esse aspecto, não veremos os outros motivos de tráfico, com os quais também temos de trabalhar em busca da prevenção.

O trabalho sexual é utilizado, sim, para esse fim, mas há também o trabalho doméstico. Faço aqui uma alusão às nossas companheiras do Sindicato das Empregadas Domésticas. Existe um tráfico muito grande no Brasil, interno, de meninas que saem das comunidades rurais para trabalhar em casas de família. Às vezes são meninas com 8, 9 anos, que não estudam e simplesmente trabalham. Mas o trabalho é proibido para criança. Sabemos também que há muitas famílias de classe média alta que trazem essas meninas para



a Salvador ou para centros maiores, e acabam explorando o trabalho delas para além do trabalho braçal. Muitas vezes também são exploradas sexualmente.

Pelo Protocolo de Palermo, isso é considerado tráfico, porém a legislação brasileira ainda não contempla o tráfico para o trabalho doméstico. Além do trabalho infantil dentro das casas, também temos a invisibilidade do trabalho doméstico. Quando nos reportamos ao tráfico de mulheres para o trabalho doméstico fora do Brasil, percebemos que essas mulheres têm menos possibilidade de chegar a uma denúncia, porque estão trabalhando no âmbito privado, diferentemente das trabalhadoras sexuais que estão em espaços públicos, com muito mais visibilidade.

Atentemos para essa questão da invisibilidade do tráfico, como também para a do casamento servil. Há muitas mulheres levadas para o casamento servil. O que significa isso? Essas mulheres ficam trancadas dentro de casa. Temos um exemplo muito típico sobre isso: uma enfermeira que foi requisitada por uma agência de casamento para casar com um senhor. E esse senhor tinha uma mãe doente, assim como ele. Sabemos que na Europa o trabalho de cuidadora de saúde é extremamente caro, mas, com a desculpa de se casar com uma brasileira, ele não precisaria pagar uma agente de saúde, uma enfermeira, uma cuidadora. E assim essa mulher ficou presa na casa dele durante 2 anos.

Isso é considerado tráfico. Porque tráfico é o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas recorrendo-se a ameaças, ao uso de força ou a outras formas de situação de vulnerabilidade, como ameaça, aceitação de pagamentos, benefícios, para fins de exploração sexual, trabalhos ou serviços forçados, escravaturas ou práticas similares de escravidão, servidão ou remoção de órgãos.

Isso é o Protocolo de Palermo, o qual foi ratificado pelo Brasil. Porém a nossa lei, lastimavelmente, ainda não corresponde à totalidade, à amplitude que tem nesse protocolo.

Houve algumas mudanças no Código Penal Brasileiro, no entanto elas não contemplam essas questões do tráfico, quando trabalhamos com a prevenção. Se só fizermos prevenção ao tráfico de mulheres com relação à exploração sexual, não estaremos



contemplando aquelas que estão sendo exploradas, muitas vezes, num trabalho doméstico ou mesmo em um casamento.

Sem esquecer de crianças que estão sendo traficadas para adoção. Sabemos disso, mas não vou tratar desse assunto agora porque não há tempo e também porque foge um pouco da minha área. Na realidade, as mulheres saem do Brasil especialmente para ter mais segurança, para ter mais respeito, para ter mais valorização, para ter mais dignidade – não é só para ter mais dinheiro –, para ter tudo isso. Ela, muitas vezes... Não falarei porque as companheiras já colocaram. Não somos reconhecidas dentro desta sociedade, ainda, apesar de todos as lutas que já conquistamos.

Quero falar um pouco das recomendações. Posso?

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Pode.

A Sr^a JAQUELINE LEITE:- Melhorar a condição da mulher político-social e econômica; aprovação de lei sobre tráfico e contrabando no Brasil e sua complexidade; colocar maior ênfase no enfoque baseado em acabar com o trabalho forçado e prática semelhante à escravidão; informar que as pessoas em situação de tráfico são sujeitos de direito e não somente vítimas; aprofundar a formação técnica dos profissionais que possam vir a trabalhar com essas pessoas, a abordagem mais especializada na proteção, identificação da pessoa em situação de tráfico a partir da percepção das violações de direito; e campanhas de prevenção e informação.

Muito obrigada. Desculpe-me pelo atraso. (Palmas!)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito obrigada, Jaqueline! Ótima fala!

(Não foi revisto pelo oradora.)



4936-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Ana Alice Costa

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Continuando os registros, saudamos as presenças do Movimento de Mulheres de Camaçari; Conselho Estadual de Direitos da Mulher; Sindicato dos Comerciários de Guanambi; Dr^a Firmiane, coordenadora do Núcleo de Mulheres, defensora pública, sempre presente; defensora pública Dr^a Mônica Aragão; Dr^a Laura Maria de Argolo Campos, delegada especial de atendimento ao idoso; Centro Pop Comunidade Tererês; Secretaria de Mulheres da CTB; Movimento de Mulheres Lésbicas e Mulheres Bissexuais; Sr^a Cláudia de Farias Barbosa, representa a nossa presidente da UPB, pela primeira vez uma mulher, que é Maria Quitéria; Movimento de Pessoas com Deficiência; Coordenação do Programa Bahia Acolhe, que é da Sedes; professora Amélia, representa o secretário da Educação, professor Osvaldo, que visitamos ontem; Sr. Ailton Ferreira, representante do secretário de Justiça, Sr. Almiro Sena; nossa valorosa companheira Beth Wagner.

Concedo a palavra à professora e pós-doutora de Ciência Política da UFBA, que muito contribui para o nosso debate, para a nossa luta, Sr^a Ana Alice Costa.

A Sr^a ANA ALICE COSTA:- Bom-dia! Quero cumprimentar as companheiras da Mesa, deputadas, minha combativa companheira de militância antibaixaria, é um prazer retornar a esta Casa, a ex-deputada disse que eu era a única deputada vitalícia. Cada vez que venho aqui tomo o meu posto. Estou sempre aqui, é um prazer participar desses eventos, contribuir, acompanhar e perseguir as deputadas que, durante esses anos, têm coordenado a Comissão da Mulher. O NEIM trabalha esse tempo todo desde da criação da comissão.

Venho falar de reforma política, mas o tempo foi cortado. Acho que a reforma política, hoje, está virando um mito tal qual o saci-pererê, o papai noel e a cegonha. Há mais de 10 anos, nós corremos atrás de uma proposta de reforma política. Tivemos um arremedo de reforma com a proposta cujo relator foi o deputado Ronaldo Caiado. Na verdade, a gente



vem demandando a reforma política e ela não acontece. Ela não acontece porque não há vontade política. O nosso governo não tem vontade de fazer a reforma, os nossos representantes no Congresso Nacional não têm interesse de fazer a tão sonhada reforma política que vai além das leis eleitorais.

Na verdade, as nossas tentativas de reforma política têm caído muito num aprimoramento, na mudança apenas da lei eleitoral, mas nós queremos ir além dessa legislação. Queremos ir além dos processos eleitorais e pensar uma reforma mais ampla que envolva uma fiscalização maior do Judiciário, que envolva uma fiscalização, uma participação maior da sociedade em termos de ações do Executivo.

Temos, no Brasil, hoje, a experiência dos conselhos que é considerada ímpar no mundo inteiro em termos de democracia participativa. O Brasil inovou com a criação de uma série de conselhos de fiscalização, de intervenção e de controle social. Esses conselhos – experiência perfeita, maravilhosa – têm se deparado com as dificuldades do envolvimento da cidadania.

E aí eu trago a discussão para o que nos interessa que é, exatamente, a questão das mulheres e do envolvimento das mulheres com a proposta de reforma política. Além de todas as demandas, todas as questões que a reforma incluiria em relação a população em geral, nós temos, principalmente, a questão do acesso ao poder. Nós mulheres somos mais de 51% do eleitorado brasileiro, quase 52%, e, hoje, temos 46 deputadas federais, menos de 10%, e 12 senadoras, menos de 15%. Em compensação – olhem que dado muito interessante – o setor ruralista deste País que somado atinge a marca 40.000 brasileiros, segundo o DIAP, tem uma representação no Congresso Nacional de cerca de 100 deputados. Alguma coisa está errada! Nós não temos representação! Esse que é o nosso empenho na discussão da reforma política, não apenas a Lei de Cotas.

A Lei de Cotas não nos serve; a Lei de Cotas não é aplicada; a Lei de Cotas é tratada como uma brincadeira. Na Bahia, inclusive, tem sido uma experiência terrível para as mulheres, mesmo com o avanço que tivemos na última eleição. O Tribunal Superior Eleitoral tomou uma iniciativa que não lhe competia e legislou sobre a Lei de Cotas a nosso



favor, exigindo que a lei fosse cumprida. O TSE não aceitou que partidos registrassem sua lista, se não estivessem cumprindo a lei, mas mesmo assim alguns partidos não cumpriram. Mesmo aquela lei – deixa eu consertar o vocabulário para não dizer uma coisa feia – sendo frágil... Os partidos entraram com uma ação no Supremo para garantir o direito de seus vereadores eleitos em uma chapa, em uma lista que não foi reconhecida pelo Tribunal.

É exatamente essa a dificuldade que nós temos em relação a participação política. O que nós queremos adquirir, quando eu digo que a Lei de Cotas, hoje, é uma questão superada, é a paridade. Não dá para ter democracia onde 52% da população não tem representação. A gente não pode sequer legislar favorável às mulheres com uma composição dessa. Aí eu trouxe uma outra pesca aqui que foi uma pesquisa feita pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria – o Cefêmea, onde foi aplicada uma pesquisa entre parlamentares do Congresso Nacional na legislatura de 2007 a 2010.

O que ela identificou? Sobre os direitos das mulheres, 60% dos parlamentares entrevistados não concordaram em estabelecer punições aos partidos que não cumprissem as cotas de mulheres nas chapas proporcionais; 72% discordavam em adotar lista fechada com alternância de sexo. Isso é para mostrarmos o quadro político dos nossos parlamentares e representantes.

Então, dizer que não é importante eleger mulheres é esquecer não só o princípio democrático da igualdade de representação, mas os interesses que estão sendo defendidos. Analisando hoje o Congresso Nacional, temos uma série de propostas e emendas que não conseguem avançar, porque esses 10% de mulheres presentes não conseguem convencer e articular o grosso da representação partidária dos nossos representantes.

Esta Casa, historicamente, tem uma política de engavetar os projetos de iniciativa das mulheres. Antes dizíamos que era por conta do rolo compressor de uma certa maioria, mas a certa maioria se alterou e os projetos das mulheres continuam sendo engavetados aqui, nas Assembleias Legislativas de outros estados, nas Câmaras Municipais e no Congresso nacional.



Aí volta para a cidadania, nós no processo político, o nosso papel na escolha dos nossos candidatos e candidatas, no monitoramento da ação dos nossos representantes, na atuação hoje, na pressão em relação à reforma política. Pensar uma reforma política no campo eleitoral sem contemplar alternância no poder e na lista, é brincadeira! Sem pensar em financiamento público de campanha é o atestado de que não queremos mulheres no poder. Todos os estudos mostram, é questão cultural, que as mulheres não vão empenhar sua casa, não vende sua criação para financiar campanha eleitoral, até porque temos uma outra relação com a maternagem, e não pomos a família em risco. Então, não temos recurso para bancar as campanhas caríssimas.

Se formos ver o financiamento privado das campanhas, podem perguntar às deputadas, quais as empresas que financiam suas campanhas. Quando fazemos um levantamento as grandes empresas financiam os homens. Então, temos que pensar muito nessa implicação de reforma política, estarmos atento a ela, inclusive para não ser um retrocesso para as mulheres. Com essa composição que temos de Congresso e de política muitas coisas a gente perde.

Gostaria de conclamar, principalmente as deputadas desta Casa, porque temos que avançar aqui dentro no Poder, não só na aprovação de propostas, mas nas estruturas formais. A Câmara Federal aprovou há 2 anos a Procuradoria da Mulher. Está na hora das deputadas criarem a Procuradoria da Mulher aqui dentro, porque com a estrutura de procuradoria ela tem muito mais força do que a comissão, que fica muito à mercê.

Então, meninas, concluindo, quero falar que eu sou uma menina de 61 anos e me sinto uma jovem de espírito, pode não ser biológica, mas sinto-me jovem. Então, quero conclamar as jovens aqui presentes, Valquíria é uma jovem, para colocarmos o nosso espírito jovem para funcionar para que possamos transformar. Portanto, as jovens deputadas devem garantir a procuradoria da mulher aqui nesta Casa.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



4937-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or^a. Vera Lúcia Barbosa

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito bem, professora Ana Alice.

Quero registrar a presença do Movimento Militância Vermelha, de Serra Preta; da representação do Conselho Municipal de Mulheres de Cruz das Almas; do presidente do grupo LGBT, Lyz Gomes; dos vereadores Magno Alves, da Câmara Municipal de Serra Preta, Carlos Antônio de Jesus, do município de Valença, e José Carlos Lélis Costa, de Guanambi, além da vereadora Aderian Maria de Jesus, de Cícero Dantas.

Temos aqui também a Pró-Reitoria de Extensão da Uneb, o Centro Cultural Ensaio, representantes da comunidade do Uruguai, do Projeto Proteger e do jornal *O Catador*, o nosso companheiro Joel, que representa a Associação de Ambulantes Informais, representantes da Universidade Aberta da Terceira Idade - UATI e a diretora da biblioteca pública da Fundação Pedro Calmon, Ivanise Tourinho.

Quero registrar também que o deputado Zé Neto, Líder do governo nesta Casa, pediu que transmitíssemos a saudação dele a vocês. Ele, por motivo de força maior, não pode estar presente. A nossa deputada Maria Luiza está hospitalizada, mas gostaria muito de estar conosco. Ela é atuante na comissão e saúda a todos os presentes.

Convidamos para fazer uso da fala Vera Lúcia Barbosa, Secretária de Políticas Para as Mulheres, que representa o governador Jaques Wagner.

A Sr^a VERA LÚCIA BARBOSA:- Bom-dia a todos e a todas.

Gostaria muito de que todas as nossas deputadas guerreiras, aguerridas desta Casa, as quais representam muito bem as mulheres baianas, se sentissem - assim como todos os deputados - saudadas em nome das deputadas Neusa Cadore e Fátima Nunes, que estão na Mesa. Quero parabenizar a iniciativa não só da deputada Neusa, mas também da Comissão da Mulher, que vem fazendo neste Poder um trabalho ímpar na questão da autonomia, da soberania e do enfrentamento à violência contra as mulheres neste Estado. Acho que o papel



de vocês nesta Assembleia é determinante e norteia, inclusive, o papel do governo estadual e de outras instituições na Bahia. Portanto, parabéns pela iniciativa de hoje, bem como pelo trabalho e comportamento aqui.

Toda mulher pode virar o jogo. Neste mês, não mais apenas no 08 de março, comemoramos as lutas das mulheres e dos movimentos de mulheres. Os desafios atuais mostram que este é um momento que está exigindo uma virada de jogo. É tempo de renovação dos compromissos com todas as nossas lutas. Lutas que levaram a vitórias significativas no acesso a direitos e políticas públicas.

A criação de organismos de políticas para as mulheres está entre essas conquistas. São importantes instrumentos. E estamos trabalhando para que cada vez mais em nossos municípios baianos tenhamos ainda mais e mais instrumentos, como a Secretaria Estadual de Políticas Públicas para as Mulheres.

Estávamos no sábado, eu e a deputada Fátima Nunes, lá em Teixeira de Freitas, onde nós fizemos uma audiência e o prefeito anunciou a criação de um novo organismo em Teixeira de Freitas. Como essa cidade, diversos outros municípios estão tomando essa iniciativa.

Para o nosso governo, a promoção da autonomia das mulheres tem sido uma prioridade. Queremos cada vez mais criar alternativas ao que está dado inicialmente como limite e restrição.

Ter autonomia é ter pré-condições para viver com a liberdade de fazer escolhas, é poder modificar o nosso destino e o de outros.

Nossa ênfase inicial é na autonomia econômica, na inclusão produtiva, já que essa é uma alavanca primordial para o processo da inclusão social e produtiva das mulheres. Mas também compreendemos, como o governo federal, que o fim da exclusão econômica é só o início, ainda que um começo determinante para todas nós, mulheres, que se soma ao desejo de superação de cada mulher.

Após dois anos de existência da nossa secretaria, temos a alegria de registrar que com o Projeto Margaridas, companheira Isolda, uma das pioneiras dentro do Ministério de



Desenvolvimento Agrário na construção, juntamente com o nosso governo do Estado, do processo para que o nosso projeto nascesse por dentro do MDA e criasse corpo em nosso Estado.

Temos uma parceria importantíssima, e a nossa secretaria faz a articulação com os diversos organismos estaduais. Temos diversas secretarias de estado articuladas em volta do nosso Projeto Margaridas. E com esse projeto queremos estar perto, estar mais próximo das mulheres dos 27 territórios do nosso Estado. São as agricultoras familiares, de fundo de pastos, assentadas e pescadoras, marisqueiras, indígenas, quilombolas e mulheres de terreiro.

Ao final desse projeto queremos ter participado, ter estado perto de 21 mil mulheres no Estado da Bahia. Com certeza, fecharemos esse projeto (Palmas) dialogando com todas essas mulheres, acolhendo e ajudando, fomentando para que elas criem as suas próprias organizações.

E um pouco do trabalho desse projeto a companheira Isolda já expôs aqui. Para além da documentação das trabalhadoras rurais, fazemos as rodas de conversas, de diálogos no que diz respeito ao tema do enfrentamento da violência, subsidiamos essas mulheres que participarão do mutirão, mas também expedimos diversos outros documentos, e mais a nota fiscal que nós, mulheres, trabalhadoras rurais, nem sempre podemos tirar à medida em que vendemos o nosso produto.

Então, nesse nosso mutirão, tivemos o cuidado de fazer com que, para além da identidade, da carteira de trabalho, do CPF, também se emitissem as notas fiscais. E mais, que nos ajudassem a fazer com que as mulheres saíssem do mutirão com a sua DAP expedida, o que facilitará também inserirmos os nossos produtos no mercado, seja no município, seja na região.

Também temos avançado no processo de confirmação de configuração desse trabalho em rede em nosso Estado, fazendo com que todos os serviços e equipamentos trabalhem em forma de rede.

Em outubro de 2002, aqui, no Estado, conseguimos instaurar a nossa câmara técnica, com 15 secretarias. Essas secretarias se reúnem mensalmente para discutir, debater o



que o governo do Estado está fazendo para enfrentar a violência doméstica e familiar e a violência contra as mulheres.

Aqui, temos a participação das 15 secretarias, da Dr^a Firmiane, representando a Defensoria Pública, do Ministério Público, do Tribunal de Justiça, através das nossas varas.

E no Estado temos uma dificuldade imensa, companheira deputada Neusa Cadore: foi anunciado ontem pelo Conselho Nacional de Justiça que só existem 15 varas no Nordeste, e na Bahia temos três varas especializadas, mas ainda é muito pouco para a nossa demanda. Apesar de termos muitas varas ante o número de todo o Nordeste, ainda é muito pouco. E temos uma deficiência com a vara de Vitória da Conquista, que ainda não funciona, não está instalada do jeito que precisamos para que a rede, de fato, acolha as mulheres que são violentadas e isso querem superar.

Em parceria com o governo federal, estamos empenhadas no último programa que a nossa presidenta fez questão de lançar em Brasília. Ela convocou todos os governadores dos nossos estados e quase a metade dos ministros. Este ato aconteceu em 13 de março. Foi um ato simbólico e emblemático. Além dos milhões, que a presidenta anunciou voltados só para enfrentamento da violência contra as mulheres, foi um ato simbólico com metade do governo em uma sala, em uma cerimônia, debatendo e conhecendo as prioridades das mulheres, no que diz respeito ao enfrentamento da violência.

A nossa presidenta teve a ousadia de construir um programa junto com a nossa Secretaria Nacional que se chama Programa Mulher, Viver Sem Violência. E, para além da inserção na área de saúde, justiça e desenvolvimento social, a presidenta faz uma inserção direta, construindo as casas das mulheres brasileiras em todas as capitais e em nosso estado. A nossa ministra fez questão de fazer contato conosco esta semana. Ela disse que a primeira casa da mulher brasileira a ser construída será aqui em Salvador. (Palmas)

Então, para nós, isso é muito simbólico. Por mais que tenhamos críticas a esse anúncio que a presidenta fez – afinal o nosso propósito é o fortalecimento da rede do trabalho no estado que também é o propósito da Secretaria de Políticas para as Mulheres –, este espaço construído nas capitais e, aqui em Salvador, será um momento experimental.



Poderemos olhar como tem de funcionar uma rede integrada de enfrentamento da violência contra a mulher. Vejam, na medida em que temos, em um único espaço, uma delegacia especializada, uma vara especializada ou um juizado especializado, um centro de referência com todos os atendimentos especializados que a mulher precisa nesse único espaço.

E, ao sair dali, a mulher poderá acessar a Defensoria Pública. Ela pode acessar o Ministério Público. Ela pode, inclusive, obter subsídios de ver como ela poderá adentrar aos projetos sociais do governo através dessa casa da mulher brasileira. Ali, poderemos visualizar como temos, de fato, de fazer a nossa rede. E, em nível de estado, nós veremos como superar a sexta posição no *ranking* brasileiro que o nosso estado ocupa. Somos o sexto estado que mais mata mulheres – não é no trânsito nem na vida lá fora, como acontece com a maioria dos homens que são atingidos pelo crime, mas é dentro de suas próprias casas e pelos seus próprios companheiros.

Também, as ações preventivas, que utilizam os meios de comunicação de massa, são importantes para a promoção da mudança cultural. Sempre digo, como falei em Teixeira, no sábado, que, além da construção de equipamentos, além da construção dos serviços, porque essa é uma tarefa do Estado, não podemos minimizar a importância delas, precisamos investir muito em campanhas preventivas e em campanhas educativas.

Assim, companheira Amélia, temos discutido muito internamente com a Secretaria de Educação que o nosso formato da construção de uma nova educação tem o poder decisivo sobre isso. E as nossas campanhas têm poder decisivo sobre isso. Além de construir equipamentos, além de construir serviços, temos de proporcionar uma mudança de mentalidade.

Isso não é uma tarefa só de governos, só de instituições como Ministério Público e Defensoria, porém é uma tarefa conjunta de todas as instituições e serviços mais a sociedade. Se queremos construir uma sociedade desenvolvida que respeite o outro, que veja o outro com as suas diferenças, com a grande riqueza e a grande sabedoria dessa construção



de uma sociedade desenvolvida e nova, precisamos mudar a mentalidade e a mudar a cultura. Isso é uma tarefa de todos e todas.

Para isso, neste mês de março, estamos com uma campanha nova do governo do estado. Em nossa campanha de março, pegamos três figuras ímpares na questão da superação das nossas dificuldades. Sempre digo que o Estado pode entrar e precisa criar caminhos para que as mulheres criem a sua autonomia e superem a sua condição de violentadas.

Mas nós temos de dar o primeiro passo.

Nós, mulheres, temos de dar o primeiro passo. Nós temos de despertar as mulheres novas que estão dentro de nós, a fim de construirmos a nova sociedade que a gente espera. Se fizermos isso, o Estado vai a reboque assim como todos os poderes e instituições tais como Defensoria Pública, Ministério Público. E a nossa campanha vem trazendo isso. Trazendo Luislinda Valois, Verônica, que é deficiente mas é medalhista mundial, com todas as dificuldades que enfrenta para superar a doença, e uma índia, que foi torturada, humilhada e perdeu seu território mas não perdeu a cabeça – hoje é uma blogueira, jornalista, defensora das causas indígenas e populares.

Com isso, nós, enquanto governo do Estado, queremos dizer: vamos despertar a mulher guerreira que há dentro da gente para, junto com o Estado, junto com todas as instituições, construirmos uma Bahia melhor, um Brasil melhor. Acho que é para isso que existe a Secretaria de Políticas Públicas para a Mulheres, para, junto nesta caminhada, construir e dar forma a esse novo caminho.

Portanto, parabéns para todas nós. Parabéns para nossas deputadas. Parabéns para todas as mulheres empoderadas que estão na Mesa. Parabéns para todas nós que acordamos de manhã, que parimos, que engravidamos, que temos dificuldades mas continuamos acreditando na vida que queremos construir melhor pela frente. Assim, parabéns para todas nós, porque, afinal, é o nosso mês. Parabéns para nós. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada Lucinha.

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-02

Ses. Esp. 21/03/13

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Registramos a presença do companheiro Francisco Xavier, grande colaborador da Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos – Fenatrad. Também registramos a participação do programa A Escola e o Legislativo e a presença de estagiários desta Casa Legislativa.

No saguão, logo na entrada, tem uma exposição da jornalista Wildes Barreto e de Américo Barros, de fotos de mulher no espaço de trabalho, cujo tema é Profissão Mulher. Convido a todos e a todas para, na saída, apreciá-la, pois vale à pena. (Palmas)

Secretária Lucinha, nós, na Comissão, também sentimos a importância de, além da nossa reflexão, do debate, fazermos deste momento um momento de homenagem. Você citou referências que a Secretaria escolheu. É difícil escolher uma pessoa para homenagearmos. Acho que cada deputado e deputada da Comissão percebeu que teríamos muitas mulheres para homenagear, para dar visibilidade, para agradecer, mas, neste momento, vamos passar a palavra para as deputadas e deputados da Comissão – cada pessoa terá 5 minutos de fala, incluindo o momento de homenagem à pessoa que nós escolhemos.

Para entrar no clima, daremos voz novamente a Tati, que fará uma apresentação musical.(Palmas)

A Sr^a Tati:- Gostaria de aproveitar a oportunidade e agradecer à deputada Neusa Cadore, a Deus, por ter-me dado o direito de estar aqui presente junto a todos vocês, neste momento muito importante em que se fala da mulher, dos seus direitos, dos seus desejos, de suas vontades, de suas conquistas; à Mesa, aos presentes. E vamos cantar Maria, que é a Mulher maior.

(Apresentação musical.) (Palmas)



4938-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Kelly Magalhães

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra, por 5 minutos, a nossa deputada Kelly Magalhães, que representa toda a Bahia, mas vem de longe, lá do Oeste. (Palmas)

A Sr^a KELLY MAGALHÃES:- Vou ser bastante breve.

Cumprimento toda a Mesa na pessoa da deputada Neusa Cadore e da secretária Lucinha, que representa aqui o governador e o governo do Estado da Bahia. Saúdo todas as deputadas, todas as mulheres neste dia especial, prestando uma homenagem à grande líder deste País, aprovada agora, testada, com 79% de aprovação. Peço uma saudação a nossa presidenta Dilma Rousseff. (Palmas)

Para nós é motivo de orgulho saber que uma mulher governa este País. Uma mulher que se tem empenhado em efetivar políticas públicas que buscam tirar da pobreza milhões de brasileiros e brasileiras. Isso confirma o papel emancipacionista das mulheres ao chegarem a esse patamar, sabendo que muitas vezes você tem setores da imprensa contra. Na verdade, uma mulher é muito mais testada do que um homem. O presidente Lula também foi testado na sua condição de operário, e agora é a presidente Dilma. Portanto, a nossa saudação a todas as mulheres na pessoa da nossa querida presidente da República. (Palmas)

Quero falar brevemente a vocês, já que o nosso tempo está correndo, dizendo que escolhi para prestar uma homenagem nesta data especial – em que esta Casa, como tradicionalmente faz, homenageia todas as mulheres – uma barreirense, uma figura querida e expressiva, uma filha do interior que veio para a capital, mas que deixa no seu caminho um rastro positivo de construção e de consolidação de um trabalho social. Refiro-me a Adriana Mármore, vice-reitora da Uneb, que está aqui. (Palmas) Saúdo também o professor e magnífico reitor Lourisvaldo Valentim, que deve ter se ausentado neste momento pelos trabalhos que tem.



Ao saudar Adriana Mármore, devo dizer, colegas deputadas, que ela é barreirense, é mãe, foi aluna da Uneb, depois tornou-se professora e diretora do *Campus 9* dessa instituição, uma universidade multicampi que tem uma capilaridade muito grande. Com certeza, foi quem mais contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico do Oeste da Bahia, uma região produtora de grãos, de agricultura familiar e de bravas mulheres. Já teve prefeitas, tem vereadoras, já elegeu deputadas. Enfim, nós mulheres temos marcado positivamente a política e a vida social daquela região.

Entendo que Adriana significa isso. Hoje, ela é vice-reitora da Universidade Estadual do Estado da Bahia e representa, com muito orgulho, a educação da região Oeste, a educação do nosso Estado. Sobretudo, representa as mulheres.

A você, Adriana, a homenagem das mulheres, a homenagem da Assembleia Legislativa da Bahia por sua brilhante carreira. Mas, acima de tudo, por seu brilhante compromisso com as mulheres e com a causa da educação e da justiça social no Oeste baiano e na Bahia com um todo. E agora na Uneb. (Palmas)

Convido-a neste memento para receber esta homenagem.(Palmas.)

(A Sr^a Adriana Mármore recebe a placa de homenagem da deputada Kelly Magalhães.) (Palmas.)

A Sr^a Adriana Mármore:- Bom dia a todas as almas masculinas aqui presentes. Quero agradecer imensamente a indicação do meu nome à deputada Kelly Magalhães. É muito orgulho receber uma homenagem como esta, principalmente porque sei da luta, Kelly, que nós mulheres travamos na região Oeste da Bahia. Quero socializar essa homenagem com a minha família aqui presente, representada pelo meu marido, sustentáculo da minha formação. E dedicar essa homenagem a todas as mulheres unebianas, estudantes, técnicas, professoras, á minha equipe 90% feminina aqui presente da Proex. Tenho a certeza de que se hoje estou neste lugar vocês me trouxeram até aqui.

Só três coisas para reiterar as falas brilhantes da Mesa, em nome da deputada Neusa Cadore. Penso que nós enquanto mulheres temos que ter a utopia em nossas mentes. Muito trabalho tem sido feito pelo governo federal, estadual, reconhecido, mas três utopias



acho fundamentais: primeiro, justiça social, com certeza acabaremos com essa questão das desigualdades e falta de oportunidades; segundo, respeito e dignidade, aí não vamos precisar mais fazer campanhas em relação à violência contra mulheres; terceiro, fundamental, professora Amélia, que sempre lutou nas campanhas em nossa universidade, educação de qualidade para todas e todos. Aí a gente vai erradicar por vez a questão do preconceito contra a mulher em qualquer lugar em que ela esteja, porque o que vai estar de fato presente é a competência feminina.

Um bom-dia, muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4939-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Luiza Maia

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a. PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Parabéns à vice-reitora Adriana Mármore.

Dando seguimento, convido a deputada Luiza Maia para fazer seu pronunciamento e homenagem.

A Sr^a LUIZA MAIA:- Bom dia a todas e a todos, em nome da querida deputada presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher, Neusa Cadore, saúdo toda a Mesa e todos os presentes.

A minha homenageada é a companheira Silvana Maria Mota Silva, aquela que teve os cinco filhos sequestrados em Monte Santo. Escolhi Silvana porque acho que ela foi um símbolo para a gente de representação da coragem de desafiar, inclusive, a própria Justiça, umas complicações que houve lá com o Ministério Público e outras confusões mais. Enfrentar a luta e resgatar seus cinco filhos que foram praticamente sequestrados e levados para São Paulo.

Queria dizer que fiquei muito feliz, Jaqueline, vou precisar conversar com você, e muito. No dia 15 de fevereiro dei entrada nesta Casa num requerimento solicitando uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar essa questão do tráfico de pessoas na Bahia. Em dezembro, o Senado encerrou a sua CPI, a Câmara Federal está com uma CPI ainda em tramitação para chegar as suas conclusões, e na Bahia acho que é importante essa CPI. Nós estamos numa posição muito ruim em relação aos altos índices de tráfico de pessoas. E eu fiquei aqui ouvindo a fala de Jaqueline, muito entusiasmada com o que você falou, bate comigo. É um crime invisível, gente, ninguém sabia. Se Silvana não tivesse coragem de ir e aparecer até no *Fantástico* para brigar e resgatar os filhos dela, que essa tal de Carmem Topschall, que deve ser a Livia da novela das oito... Até que enfim a Globo prestou um grande serviço à nossa sociedade, porque às vezes tem programas, como o BBB, que aquilo é para desconstruir, desmoralizar as mulheres, mas com a novela “Salve Jorge” a Rede



Globo prestou um serviço à nossa sociedade e deu visibilidade a um crime que era invisível e ninguém sabia o que está acontecendo.

Acompanhando a CPI da Câmara, estive em Monte Santo há um mês e vi o sofrimento daquela mulher. A cidade está apavorada, deputada Neusa, eu pedi para fazer uma visita a Silvana, não sabia onde era a casa e pedi ao moto-taxista para me levar – e ele disse: “Vou lhe levar, deputada, agora, tenho que sair de lá correndo porque daqui a pouco a mulher quer me vender”.

Então, hoje está consolidado na cabeça do povo de Monte Santo que tem uma mulher que vende crianças, que rouba crianças da mãe, enganando, dando uma besteira qualquer – uma geladeira, fazendo qualquer coisa, e pega a criança.

A Tarde e a Tribuna de hoje estão denunciando o assédio dessas que seriam as mães adotivas, que ela está fazendo a essa família. Mandamos uma equipe do Cedeca, com jornalistas, que acompanha a família, porque tem uma das mães que está lá. Então, é um absurdo! Essas mulheres devem ter pago muito caro a Carmen pela adoção dessas crianças e agora estão revoltadas no *facebook*, nas redes sociais acabando com todo mundo, achando que elas são as poderosas e as donas das crianças.

Então, queria pedir o apoio desta Casa porque sabemos da dificuldade para se aprovar projeto de deputado aqui, mas também já temos a senha, porque está ali a lei antibaixaria, agora é lei. E nós sabemos como conquistamos a sociedade e fizemos a boa pressão para que essa lei fosse aprovada. Precisamos ajudar a combater o tráfico de mulheres na Bahia, e Jaqueline falou – não é só para exploração sexual, não. É venda de órgãos, trabalho escravo, casamento servil e mais outras coisas que ela falou de que não me recordo agora. Adoção de crianças... É brincadeira uma coisa dessas em pleno século XXI, venda de seres humanos!

Silvana não pôde estar presente, ontem houve esse tumulto e ela teve que ir à delegacia registrar queixa, porque uma das supostas mães está lá no município fazendo pressão, querendo invadir a casa dela, uma confusão, e ela não teve condições de estar aqui.



Quero aproveitar e fazer um convite às deputadas para que marquemos um dia, deputada Neusa, deputado Fátima, que quero inclusive chamar aqui para receber, em nome de Silvana, Fátima que é a nossa coordenadora de Bancada, V.Ex^a vai representar aqui Silvana, e dizer para irmos lá em Monte Santo levar o noso apoio e solidariedade a essa mãe, jovem de 26 anos, mas que teve essa coragem de mostrar que os filhos dela não são mercadoria. Precisamos dar mais visibilidade a isso, porque é assim que vamos combatendo, diminuindo esse ciclo, desmontando essa rede que é internacional e está com as ramificações muito grandes e poderosas, aqui na Bahia.

Em nome de Silvana, quero entregar esse buquê de flores a V.Ex^a, que é a nossa coordenadora da bancada feminina, e articular a nossa viagem a Monte Santo para darmos esse apoio moral e político a Silvana, que é uma pessoa que precisa e que merece.

(A deputada Luiza Maia entrega um buquê de flores à deputada Fátima Nunes.)

(Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4940-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Maria Luiza Laudano

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando prosseguimento, convido a deputada Maria Luiza Laudano para o pronunciamento e a homenagem. (Palmas)

A Sr^a **MARIA LUIZA LAUDANO**:- Tentarei, Sr^a Presidente, ser breve e, na sua pessoa, quero saudar toda a mesa, saudar nossos colegas deputados, e queria destacar os deputados que estão aqui nos apoiando: deputados Carlos Geilson e Bira Corôa. Inclusive quero dizer que todos estão, realmente, saudados, homens e mulheres, autoridades presentes ou representadas e quero saudar a minha assessoria de gabinete, que é composta na sua maioria por mulheres.

Historicamente a sociedade dispensou um tratamento indigno à mulher, visto que a classe ocupou, no passado, degraus sociais inferiores aos homens, (Lê)“pois não tinha liberdade de escolha nem igualdade de direitos.

A evolução era inevitável. A mulher irredimida lutou para adquirir na sociedade os seus direitos, o status de cidadã e abolir as injustiças e as violências praticadas contra o gênero, através dos diversos movimentos sociais perfilhados pela mulher.

Dentre os direitos almejados citamos a igualdade, acesso aos direitos sociais como o direito ao trabalho e a valorização do trabalho feminino mediante a equiparação salarial e a jornada legal de trabalho. Pode-se afirmar que as mobilizações contra todas essas formas de discriminação de gênero contribuíram para construção do que hoje chamamos de Estado Democrático de Direito.

De um Estado de Direito que assegura a mulher isonomia, em igualdade de direito e de obrigações, fazendo valer uma das mais importantes cláusulas do texto Constitucional brasileiro que veda qualquer tipo de discriminação, seja de gênero, de crença ou de cor.

Após tantas lutas irreversíveis femininas, visualizamos resultados positivos e, principalmente, a efetivação de medidas e leis propulsoras da igualdade humana,



consubstanciada na presença da mulher em diversos setores da sociedade e da economia. Comprovando, assim, a sua capacidade e competência, seja nas clínicas médicas, nos escritórios; nas grandes empresas; na agropecuária; no lar e na política, onde esta última atingiu seu ápice com a Presidente Dilma no comando do Poder Executivo”.

Para nós é uma grande honra ter uma mulher presidenta do nosso país, nos defendendo (palmas), chegando até a classe mais pobre, mais humilde, levando Vale Gás, Bolsa Família, ajudando o companheiro a colocar seus filhos, inclusive, na escola. Para nós é uma grande honra.

(Lê) “E, afirmo isto embasada na compreensão de que o ser mulher é um ser multidisciplinar, versátil, concatenada com o mundo em que vive sob vários aspectos, seja no mundo familiar, nas questões educacionais, sociais, legislativas e jurídicas. E que, por isto mesmo é que tanto contribuiu para a construção de uma sociedade igualitária e mais justa para todos nós cidadãos. E sabido, e precisamos reconhecer que, esta sociedade ideal está em construção e nela a mulher não é apenas coadjuvante, mas um dos protagonistas da evolução social.

Tenho certeza de que, um, universo muito grande de mulheres que neste mês de março estão sendo parabenizadas e representadas pelo seu dia, não tem o presente que por direito deveria receber - a isonomia. Por isso, hoje não é apenas dia de reconhecimento histórico, nem apenas de comemoração, pois não nos vamos contentar com uma isonomia formal.

O próximo estágio a ser alcançado é a igualdade material, a fim de que o seja respeitada em sua essência como mulher, esposa, mãe, filha, irmã, amiga, profissional, principalmente como pessoa humana ter inviolável a sua dignidade.

Percebo o empenho do gênero feminino neste fim, nas várias esferas do poder estatal e da sociedade civil, assim também nós a Comissão da Mulher no legislativo baiano tentamos fazer a diferença, sendo sensível a questão feminina.

Aproveitando esse contexto de luta e evolução, tenho como exemplo a nossa homenageada, uma personalidade digna de ser citada como referencial nas causas femininas



e sociais. Quero convidar uma mulher, uma doutora, Valquíria Barbosa, uma mulher de luta, delegada de Polícia desde 1977 (palmas), que tem um curriculum admirável e vem implementando o programa de qualidade total na Segurança Pública, coordenadora do fundo especial de requerimento policial, coordenadora dos trabalhos de investigação social da Academia de Polícia Civil (Acadepol). Quando vereadora (2001/2004) participou das Comissões Especiais de Combate a Discriminação contra a Mulher; Representante da Câmara no Comitê de Enfrentamento a Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes do Estado da Bahia”.

Então, é por essa razão que eu, aqui nesse instante, ofereço a Dr^a Valquíria Barbosa esta placa: “Dr^a Valquíria Barbosa, a Assembleia Legislativa da Bahia tem a honra de homenageá-la pela sua trajetória de luta, em defesa dos direitos da mulher. Comissão dos Direitos da Mulher. Salvador, 21 de março de 2013”. A Deputada Maria Luiza Laudano tem a honra de passar para as suas mãos. (Palmas)

O Sr^a Walquíria Barbosa:- Bom dia, não poderia deixar de agradecer a deputada Maria Luiza Laudano e toda a bancada feminina e integrante desta Comissão presidida pela deputada Neusa Cadore.

Quero agradecer também a presença de colegas aqui presentes, principalmente Denilda Amorim, grande poetisa que temos nos quadros da segurança pública, Edna Brito, grande escrivã aliada dos trabalhos e que também tem uma marca. Foi uma mulher que integrou a nossa polícia feminina, quando o estado da Bahia teve.

Então, somos personagens históricas. Hoje eu me encontro em processo de aposentadoria, em razão da minha idade. Já vou para os 71 anos. Então, desde o ano passado, já não trabalho, mas tenho orgulho de ter sido a primeira mulher delegada a trabalhar na Delegacia de Furtos e Roubos. Não existia, delegacias de mulheres. Fui uma percussora que trabalhava durante o dia e deixava uma roupa de plantão à noite, porque a qualquer momento que houvesse ocorrência, qualquer canto de Salvador que resultasse em agressão ou estupro, eu era acordada com os luminosos e as sirenes.



E hoje, para não fugir à regra, em razão da aposentadoria, arrumei mais uma atividade, antes privativa dos homens. Eu sou a vice-presidente do Esporte Clube Ipiranga. (palmas) O meu amarelo e preto e venho fazendo, sob a presidência de Emerson Ferretti, que muitos conhecem aqui, foi goleiro do Bahia, passou pelo Vitória e então, eu hoje já estou batendo uma bola.

Mas, esse bater de bola é para colaborar com aquela comunidade jovem e até infantil de Vila Canária e adjacências, que conheço bem porque minha primeira titularidade foi a delegacia de Pau da Lima. Então, conheço bem. Vi nascer o bairro de Cajazeiras. Então, minha gente, podem ajudar as nossas crianças, oferecendo esportes, até porque o que nós observamos em tempo de olimpíadas é que temos mais atletas paraolímpicos, não que os diminua, mas os nossos jovens precisam entrar na piscina, precisam jogar bole e lá tem uma área imensa.

Se esta Casa quiser, pode ajudar com um grande trabalho de construção. Sei que o avançado da hora não nos permite mais. Também gostaria de dizer que, por ter sido a primeira delegada a trabalhar em Furtos e Roubos, eu admiro muito o personagem referido pela Globo, na novela da Globo por ser uma delegada altamente técnica, como eu fui e sou, e elegante. Eu me insurjo quanto ao fardamento das nossas delegadas com camisetas. Porque o nosso papel não é o ostensivo, ostensivo é para a briosa Polícia Militar. O papel do delegado é sigiloso, é investigativo. Então, vamos botar sapato alto, sapatilha, quando o caso requer, e desprezar esses sapatos olímpicos e calça jeans, existe dia para a gente vestir essas roupas. E vamos azeitar a máquina importante de investigação que é o raciocínio.

Então, levanto essa bandeira e acho que a gente deve verificar, inclusive, o quanto é dispendioso uniformizar. Claro, há o momento em que o uniforme é indispensável em determinadas operações especiais, mas não vamos fazer guarda-roupa. Acho que a polícia precisa de muita coisa. Eu que me aposento agora – ainda não saiu o ato publicado – já estou procurando emprego, porque já não recebo o que recebia. Procurando e pedindo, viu, gente! Pensem no meu caso, porque é sério. Assim a gente evita essas despesas desnecessárias que terminam em desperdício. Existe o momento do uniforme e da arma. Eu, graças a Deus,



nunca precisei de nenhuma arma, sempre usei a arma da segurança, do saber investigar, do participar da elaboração, por exemplo, do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, representando a Polícia Civil, de participar da criação da delegacia da mulher, de participar da criação do SAC, serviço a partir da inserção dos serviços de segurança pública nas feiras tradicionais. Podia ser feira festa ou feira atividade social. Fiz a Polícia Civil participar e isso gerou a criação do SAC e dos SAC's móveis que se tornaram modelos internacionais.

Então, vamos azeitar as máquinas e botar a investigação que supera, supre e substitui armas e diminui os atos de injustiça.

Muito obrigada, deputada, e a todos (Palmas).

(Não foi revisto pelo orador.)



4941-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Graça Pimenta

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Parabéns a nossa valorosa delegada Valquíria Barbosa.

Dando seguimento, convido a vice-presidente da Comissão de Mulheres, a deputada Graça Pimenta, para fazer uso da palavra.

A Sr^a GRAÇA PIMENTA:- Saúdo a Sr^a Presidente da Comissão dos Direitos das Mulheres, a nossa querida deputada Neusa Cadore, que preside esta belíssima sessão, e em seu nome saúdo a todos os componentes da Mesa. Quero saudar a todas as mulheres aqui presentes, aos vereadores, as nossas colegas deputadas e deputados, (lê) “Como mulher, deputada estadual e vice- presidente da Comissão dos Direitos da Mulher nesta Casa, estou muito feliz e emocionada por ver este plenário repleto de mulheres de grande valor. Diante de uma plateia como esta, quem é capaz de dizer que nos, mulheres, somos menos importantes do que os homens na sociedade?

Nem mais, nem menos, somos importantes como eles. Somos capazes, sim, e vocês representam a comprovação do potencial feminino em vários setores sociais. Sem dúvidas os motivos das homenagens aqui são os mais diversos possíveis. Entre tantas razões, algumas podem estar sendo homenageadas por serem os portos seguros nas próprias famílias, por se dedicarem a cuidar dos mais carentes ou pelo desempenho profissional.

Acredito que a minha homenageada, a promotora da Infância e Juventude em Feira de Santana, a Dr^a Idelzuith Freitas de Oliveira Nunes, reúne uma série de atributos para receber esta singela homenagem. Nascida em Feira de Santana, ela é motivo de orgulho para os pais, Valdemar Moraes de Oliveira e Nailda Freitas de Oliveira; para toda a família; e também para o município feirense.

Idelzuith viveu sua infância e adolescência em Feira de Santana. O pai queria vê-la no curso de Medicina, mas ela ingressou no curso de Direito aqui na capital, etapa da vida



acadêmica concluída em 1989 .Os motivos determinantes que levaram nossa promotora a escolher a área de atuação profissional demonstram que o bem estar da sociedade sempre esteve entre as preocupações dela.

Idelzuith ingressou na área do Direito por ter paixão e afinidade com o Ministério Público. Ela sempre quis trabalhar em prol dos interesses sociais coletivos, assim como fez a heroína feirense Maria Quitéria, tão importante na consolidação das Independências da Bahia e do Brasil. Outra razão da escolha foi o desejo de ser promotora de Justiça, foi a vontade de tornar o ambiente social um espaço mais justo para todos, principalmente para aqueles cujos direitos eram deixados de lado pela elite judiciária.

Casada com o engenheiro Carlos Humberto Rodrigues Nunes, mãe de Danilo Freitas de Oliveira Nunes e de Carlos Humberto Rodrigues Nunes Júnior, Idelzuith ingressou no Ministério Público em 1993, atuando em diversas comarcas do interior baiano. Em 2000, ela assumiu a titularidade da Promotoria da infância e Juventude em Feira de Santana e em 2012 foi promovida para a entrância final, com a opção de permanecer na promotoria onde atua.

O reconhecimento ao trabalho da nossa promotora vai além do fato de ela ser uma excelente profissional. Ideizuith é humana, trata a todos com dignidade. De modo determinado e sereno, ela luta pelos direitos das crianças e dos jovens aos quais se dedica.

Quem está atento as notícias veiculadas na imprensa feirense e da região sabe do que estou falando. Nossa promotora tem uma competência, inquestionável. De fácil acesso, Idelzuith atende todos que a procuram e se empenha ao máximo para resolver a situação o mais breve possível.

Sem dúvidas seria um prazer ter ela atuando também na defesa dos direitos das mulheres. Diante do que expus aqui hoje, quero lhe dizer, Dr^a Idelzuith Freitas de Oliveira Nunes, o quanto estou honrada em lhe conceder essa homenagem, pois você é uma referência para as mulheres de Feira de Santana, para as mulheres de nosso Estado.”



Quero parabenizar a todas as colegas deputadas, a todas as mulheres aqui presentes, essas mulheres que cuidam, que amam as suas famílias, mulheres sensíveis que cuidam e defendem não só os seus direitos mas os direitos de toda uma sociedade.

Convido agora para homenagearmos a nossa querida Promotora, Dr^a Idelzuith Freitas de Oliveira Nunes.

(Entrega da homenagem a Dr^a Idelzuith)

A Sr^a Idelzuith Freitas:- Bom-dia a todos. Promotor de Justiça gosta de falar, mas serei breve. Agradeço imensamente à deputada Graça Pimenta pela honrada homenagem a qual compartilho com todos os promotores e procuradores de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia e também com a nossa comunidade feirense. Sou filha de Feira de Santana. Compartilho esta honra igualmente com a minha família, representada aqui pelo meu marido, Carlos Humberto.

Gostaria de parabenizá-la, Tati, pela sua belíssima apresentação. Assim nos sentimos mais mulheres, Tati, com certeza. E reafirmo que somos lindas na essência, fortes na estrutura e sábias aos olhos do Criador.

Muito obrigada a todos.

(Não foi revisto pelo oradora.)



4942-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Ivana Bastos

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade, convidamos a deputada Ivana Bastos para o pronunciamento e a homenagem.

A Sr^a IVANA BASTOS:- Bom-dia a todas e a alguns. Quero cumprimentar a deputada Neusa Cadore. Em seu nome cumprimento também todas as deputadas e todos os deputados aqui presentes, além da nossa secretária, Lucinha, em nome de quem cumprimento agora todo o público presente.

Dia da Mulher, 08 de março, mas acho que são todos os dias. Nós, mulheres, mães, companheiras, filhas e amigas, como lutamos todos os dias! Nós, mulheres políticas, como foi difícil chegar aqui! Como foi difícil enfrentar a sociedade, o dia a dia e saber dividir a vida de política com a de mãe, esposa e filha. Hoje é um dia em que a Assembleia Legislativa e a sua Comissão dos Direitos da Mulher fazem neste Plenário uma grande homenagem às mulheres valentes, que têm feito a diferença.

Quando tive que escolher uma mulher, pensamos em tantas, tantas companheiras, tantas mulheres que conhecemos, tantas mulheres que fazem a diferença. Mas eu tinha que escolher uma. E essa mulher que escolhi representa muito bem uma classe na minha cidade, Guanambi, uma classe empreendedora. Portanto, é com muita satisfação e entusiasmo que trago aqui nesta sessão um tributo de reconhecimento ao trabalho de Alvisa Prates Mendes.

(Lê) *“Alvisa Prates Mendes, presidente da CDL, Câmara de Dirigentes Lojistas de minha cidade, Guanambi.*

Alvisa é empresária e administradora de empresas. Nasceu em Guanambi e sempre dedicou-se à causa dos menos favorecidos. Exemplo disso foi sua atuação junto à igreja como coordenadora da Associação de Menores e coordenadora da Pastoral da Juventude.



Participa e protagoniza em sua terra natal o movimento lojista há 15 anos, sendo a atual presidente da CDL. Como sabem, a CDL é sempre uma entidade fundamental para o cotidiano da vida no interior. O mandato da minha querida amiga Alvisa é dedicado à realização de atividades que visam o crescimento e fortalecimento da economia regional, em parceria com órgãos e instituições do município, apoiando iniciativas e ações que fomentem o crescimento da classe empresarial.

Atualmente, também é diretora distrital da Federação de Dirigentes Lojistas da Bahia.

Por tudo isso, Alvisa, neste momento quero prestar-lhe esta homenagem, certa de que você realmente é uma mulher que se dedica e destaca na luta pela ampliação dos nossos direitos.” (Palmas!)

A Sr^a Alvisa Prates Mendes:- Bom-dia a todos.

Quero cumprimentar a Mesa, parabenizar a iniciativa desta Casa e, em especial, a Comissão dos Direitos da Mulher, quero cumprimentar de maneira muito carinhosa e especial a minha amiga, deputada e conterrânea, amiga de tantas lutas de alguns tempos, Ivana Bastos.

Quero desejar muito sucesso a cada uma de vocês, a cada um de vocês desta Casa Legislativa. Que continuem legislando em função da nossa economia, defendendo projetos que fortaleçam a nossa economia. E economia da nossa região é o comércio. O comércio é o que garante a nossa economia, realmente.

Ivana é uma pessoa que tem-se dedicado muito à nossa região, e reforçamos aqui o pedido de que se mantenham sempre em alerta a essa situação, principalmente em relação à nossa região.

Em nome de toda a minha família, aqui representada pelo meu filho Arlei, compartilho essa homenagem com todos que acompanharam e acompanham as nossas ações no dia a dia, que dividem comigo as ações de assistência social, e também as ações à frente da CDL de Guanambi.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Quero deixar aqui o meu carinho, e o compromisso de continuarmos lutando sempre pela melhoria de nossa região.

Muito obrigada, meu abraço, Ivana.

(Não foi revisto pela oradora.)



4943-III

Ses. Esp. 22/03/13

Or. Maria del Carmen

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando seguimento, convido a deputada Maria del Carmen para fazer uso da palavra e fazer a sua homenagem.

A Sr^a MARIA DEL CARMEN:- Bom-dia a todas. Os poucos homens que estão aqui sintam-se cumprimentados por todas nós.

Quero saudar a nossa presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher, deputada Neusa Cadore, e na pessoa dela quero saudar todas as deputadas, colegas e amigas desta Casa, e os nossos deputados.

Quero saudar, na pessoa da nossa secretária, Lucinha, todas as mulheres presentes aqui, hoje, nesta data em que homenageamos outras mulheres que se destacaram em várias outras atividades.

Como não podemos homenagear todas as mulheres que têm serviços prestados, ações realizadas, esta Casa resolve, no dia dedicado a essa comemoração, escolher uma mulher para ser homenageada por uma de nós. Eu fui buscar uma mulher que, como ela mesmo diz, muitas vezes é “invisibilizada”. Fui buscar a companheira:

(Lê) *“Maria Lúcia Pereira nasceu em Itapetinga, Bahia, em 14 de janeiro de 1967. Casada, sem filhos biológicos, porém com muitos outros filhos, pois considera seus filhos a população de rua.*

A companheira Maria Lúcia Pereira, hoje, coordena o Movimento Nacional da População em Situação de Rua, entidade criada para ajudar e acolher esse contingente de desabrigados, desassistidos, excluídos, sem acesso às políticas sociais.

Lúcia foi para as ruas porque perdeu o contato com a família. Perdeu seus pais aos 3 anos de idade e sua avó não tinha condições financeiras de cuidar dos cinco netos que acabaram sendo distribuídos. Por conta disso, acabou morando nas ruas e, posteriormente, na Igreja da Trindade.



Ela veio para Salvador morar com duas senhoras, Jaqueline, para quem sua irmã mais velha trabalhava e que a cuidaram por um período, inclusive, dando educação em colégios particulares. Ao completar seus 15 anos de idade, suas cuidadoras faleceram e sua irmã já estava casada. Por esses motivos, foi necessário que ela passasse a viver sob a tutela do Juizado de Menores. Por achar que o juizado não tinha uma boa estrutura e se deparando com a violência e muito mais, preferiu fugir. Naquele momento, foi a rua quem a acolheu. Mesmo com toda esta luta, a companheira Maria Lúcia conseguiu estudar o 2º grau.

Para ela, o que deixou maiores marcas, neste período de rua, foi ter sido espancada e retirada, violentamente, pela assistência social do município, órgão responsável pela sua proteção social. Mas, na rua, ela, também, encontrou o acolhimento de muitas pessoas. Nunca foi violentada. Pelo contrário, foi cuidada e protegida. A rua a transformou em uma mulher forte que é hoje, que não gosta de injustiças e que luta por dignidade e justiça social.

Maria Lúcia, com toda esta história de vida, conseguiu resgatar a sua cidadania com o apoio de pessoas que lhe mostraram ser possível ter sonhos e objetivos. Descobriu que, somente, poderia estar perto e ajudar a população de rua a partir do momento em que cuidasse inicialmente de si mesma.

Em sessão especial realizada em 15 de junho de 2012 nesta Casa sobre o tema 'População em Situação de Rua, Políticas Públicas e o Programa Bahia Acolhe', Lúcia disse em seu discurso:

Sempre digo que o meu nome é Lúcia, eu me chamo Maria Lúcia. Porque, quando chegamos na situação de rua, primeiramente tiram nossa dignidade, nosso respeito e o nosso nome. Chamam-nos de qualquer coisa: vagabundo, maloqueiro, sacizeiro, descompreendido, marginal, menos do nosso nome. Muitas vezes imaginam que estamos nas ruas porque nós desejamos e porque queremos, estamos nas ruas por opção. Estamos nas ruas por falta de opção. É isso que nos leva para as ruas.”



Ainda, em sua fala, ela afirmou que: (lê) *“Dizemos sempre que o tempo de sopa e de cobertor acabou. Nós queremos mais que isso. Queremos o que nos foi negado há séculos e séculos: dignidade, habitação, trabalho, lazer, cidadania, respeito. Não estamos pedindo, estamos exigindo, porque isso nos garante a Constituição. E somos brasileiras e brasileiros também.”*

A partir de suas palavras, é possível concluir que suas sensibilidade e percepção a fizeram ver o descaso com que era tratada a população de rua e, entendendo que, somente através das Políticas Públicas, poderia mudar a situação de tanta violação dos direitos. Dedicou-se a criar, na Bahia, o Movimento Nacional da População em Situação de Rua. Hoje, faz três anos de criação. Neste programa de acolhimento, já foram beneficiadas, aqui na Bahia, mais de 300 de pessoas que viviam excluídas.

É sabido que as mulheres, em situação de rua, são as mais vulneráveis a todo o tipo de violência, sobretudo, à violência sexual. Essas mulheres são, em sua maioria, negras, analfabetas, extremamente pobres e destituídas de qualquer tipo de direito e de assistência pelos serviços do estado.

Por isso, o Programa Bahia Acolhe, criado pelo governo do estado da Bahia, é uma política pública transversal que envolve as Secretarias de Educação, Saúde, Ação Social e a Sedur, pois é fundamental que o Estado garanta a cidadania desta população através da construção de equipamentos públicos que deem a oportunidade dessa população viver com dignidade e conquistar a sua cidadania.

Hoje, nossa companheira Lúcia participa ativamente da execução do Programa Bahia Acolhe. Este programa, criado pelo governo Jaques Wagner, é o primeiro implantado no Brasil voltado para o acolhimento da população de rua.

Essa mulher, há 10 anos, estava nas ruas bebendo e se drogando. Como ela mesma diz, em suas palavras, não tinha absolutamente nada, a não ser, talvez, o desejo de viver. Hoje, ela se senta com ministros para discutir sobre políticas de população de rua, participa do Comitê Interministerial de Acompanhamento e Monitoramento das Políticas Públicas voltadas para a população de rua e ainda na elaboração do Plano Operativo para



População de Rua. Também hoje, faz parte do Conselho Nacional de Assistência Social, representando a sociedade civil.

Lúcia trabalhou também, por 3 anos, no projeto da Igreja Católica, denominado "Levanta-te e anda", que visa a inclusão e a visibilidade dessa população.

A luta de Lúcia deve ser de toda a sociedade e, principalmente, de todas as mulheres! A homenagem hoje prestada tem ainda mais um significado, pois hoje é também o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial. Por tudo isso, Lúcia, é que a escolhemos para homenagear neste dia.

Para Lúcia, o Movimento é sua vida, a população de rua, seus filhos e a justiça social, sua maior meta.

Maria Lúcia recebe, por tudo o exposto, hoje esta dupla homenagem, pois ela representa a luta das mulheres desta cidade”.

Venha, aqui, Maria Lúcia, para ser homenageada. (Palmas)

Receba, Lúcia, esta homenagem, pois ela representa a luta das mulheres desta cidade. (Palmas)

(A deputada Maria del Carmen procede a entrega da homenagem)

A Sr^a Maria Lúcia Pereira:- Prometo que não tomarei muito o tempo. Gostaria de agradecer, profundamente, a toda a Mesa e a esta Casa. Gostaria de agradecer muito, mas muito mesmo, à deputada Maria Del Carmen pela coragem de apoiar a população em situação de rua. Com isso ela trouxe tantas e tantas pessoas para nos apoiar também.

Chegar, aqui, e participar desta homenagem é dizer que as mulheres, principalmente as que estão em situação de rua, começam a ter visibilidade. (Palmas) Em pleno século XXI temos a consciência de que, quando a Lei Maria da Penha não consegue chegar e cumprir o seu papel, quando a Política Nacional da Mulher não inclui mulheres em situação de rua, alguma coisa está faltando. As mulheres em situação de rua estão, cada vez mais, vulneráveis, sendo violadas e violentadas na sua dignidade. Estão retirando delas absolutamente tudo e, por último, estão retirando a única coisa que sobrou, a vida.



Chegar, aqui, neste momento, e perceber que, há anos e anos, aquelas mulheres na Rússia foram assassinadas porque queriam um pouco mais de dignidade e ver que isso ainda acontece... As mulheres, nós, mulheres guerreiras, sobreviventes, mas, principalmente, donas das nossas vidas, estamos reivindicando cada vez mais. Não é possível! Peço encarecidamente que dentro da Política Nacional da Mulher, como nós estamos lutando, o Conselho Nacional possa também ser viabilizado aqui. As mulheres pedem socorro!

Não é possível comemorarmos. Não existe motivo para comemorar, existe, sim, motivo para lutarmos, porque precisamos da nossa sobrevivência. As mulheres precisam, sim aprender, cada vez mais, a levantar o rosto, porque este momento é o nosso.

Obrigada. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Parabéns a nossa companheira, a nossa irmã Maria Lúcia dos Santos Pereira.

(Não foi revisto pelo orador.)



4944-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Fátima Nunes

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Registro a presença de Tânia Nogueira das Voluntárias Sociais da Bahia, representante da primeira-dama Fátima Mendonça. Esteve também no nosso plenário o deputado federal pelo Estado de Pernambuco Gonzaga Patriota.

Dando seguimento a nossa sessão, convido a deputada Fátima Nunes para fazer o sue pronunciamento.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Bom dia a todas e a todos. Saúdo a nossa presidenta deputada Neusa Cadore e, em nome dela, todas as autoridades e saudar nossa secretária Lucinha, não apenas como autoridade, mas como militante nas transformações e das mudanças de paradigmas da nossa luta social. Quero dizer para os senhores e senhoras presentes aqui, a maioria mulheres, que vou pedir para a minha companheira Aderian descer das galerias, que venha para o Plenário e também a minha companheira Maria Baixinha para ficar também perto de mim, porque estou muito emocionada e tenho que me controlar um pouco.

Quero saudar os deputados Marcelino Galo, Bira Corôa com quem tenho trocado piada, porque Bira das corôas é muito bom, e saudar nossas companheiras deputadas aqui presentes. Quando falamos por último, acumulamos em nosso cérebro uma série de informações que terminam fazendo dentro de nós várias indagações. Com essa última homenagem aqui pela deputada Maria del Carmem, aflorou realmente tantas e tantas indagações deste Brasil tão forte e tão belo, mas de tantas injustiças sociais que, em todas elas, sempre pesam mais para nós mulheres. Como também a nossa força, nossa resistência e sapiência têm feito a gente quebrar paradigmas, empunhar nossa bandeira e virar o jogo. Tem muita coisa que ainda acontece e precisamos continuar teimando, labutando para um dia de fato este Brasil e esta Bahia serem de todos nós.



A gente nunca pára de relembrar e celebrar as conquistas. Eu e talvez muitas de nós, para chegarmos à escola, tínhamos que caminhar uma légua a pé, e hoje vemos ônibus passar na porta e levar os alunos para a escola, as nossas filhas, a gente se alegra. Sabemos que ter apagado o candeeiro e aposentado, porque chegou luz para todos, foi muito bom para todos nós, principalmente para quem mora no Sertãozão pesado que vive neste momento uma seca tão dura e, às vezes, o único recurso que temos é aquele cata-vento ou bombas que sugam, naqueles poços artesianos feitos manualmente, um pouco de água para sobrevivermos.

É tão bom podermos ver milhares e milhares de pessoas, famílias e mães que dizem: agora tenho uma casa, agora posso deixar meu filho em casa. Mas ainda nos entristece e nos revolta a perceber que ainda tem algumas pessoas que são contra o Bolsa Família e aos programas sociais que ajudam nossas mulheres viverem, porque se não fosse assim essa empreitada que muitas, como a deputado Luiza Maia tem assumido junto com o deputado Yulo Oiticica para ter de volta os filhos daquela mulher, a qual iremos entregar sua placa.

Quero agradecer por você ter me escolhido para entregar a placa para Silvânia. Quero dizer que se não fossem esses programas muitas mulheres estariam correndo riscos de serem assediadas, pela dificuldade, por achar que estava fazendo uma coisa boa dar seus filhos para outras pessoas criarem.

Por isso que chamei Aderian para ficar perto, porque queríamos ter neste momento um milhão de placas para entregar às mulheres. Um milhão de placas que representa aquelas que hoje já não andam mais com a lata de água na cabeça porque tem uma cisterna ao lado da sua casa. Um milhão daquelas que talvez, em épocas passadas, aguentassem as injustiças caladas, mas agora vão à delegacia, à secretaria, ao Ministério Público ou até mesmo à vizinha falar. Antes, nem isso era possível.

Antigamente, se dissesse que alguém era mulher da rua, era nome feio; se dissesse que era mulher da vida, era nome feio. Mas nós somos da vida e da rua, porque lutamos por justiça social. Combatemos o que mais entristece, que é ceifar a vida, tirar a dignidade, tirar



o jeito próprio de ser de mulher e viver com o peito aberto, como aquela que transcende às gerações futuras, claro com o companheirismo do homem.

Queria saudar e lembrar três prefeitas: Jussara, Gracinha e Patrícia. No meio dessas mulheres, queria também lembrar o prefeito de Inhambupe, Benoni. Na semana passada, ele criou mais um espaço, um departamento: a Secretaria de Políticas para as Mulheres. O MMTR, grupo de mulheres que há tanto tempo vinha lutando, chegou a uma boa escolha e elas tiveram essa oportunidade.

Portanto, são muitas coisas que temos para celebrar e colocar na ordem do dia. Durante todo o ano de 2013 a nossa comissão trabalhará bastante, porque temos muita coisa a pensar e a propor.

Queria, neste momento, chamar a minha homenageada, a companheira Aidil. Ela trabalha aqui na Casa. (Palmas)

Esta é uma homenagem a todas as mulheres que trabalham aqui. Àquelas que, às vezes, estão invisíveis porque estão na limpeza. Às vezes na limpeza de espaços que nós usamos tanto, mas ninguém quer falar. Elas estão aqui diariamente cuidando de nós. São valorosas, assim como as taquígrafas, que escrevem as nossas palavras; como a imprensa, que publica para o mundo aquilo que falamos desta tribuna. Quantas outras estão no espaço administrativo, nas assessorias políticas, mulheres que nos projetam e nos ajudam, inclusive, a conquistar os votos para aumentar a nossa bancada. Nós éramos seis, passamos para oito; hoje somos onze. Mas queremos paridade e conseguiremos. Vamos colocar trinta mulheres nas 63 cadeiras deste Plenário. (Palmas)

Aidil foi a primeira mulher que me recebeu aqui no meu primeiro mandato, em 1993. Cheguei com uma turma vinda do sertão, cheia de poeira, e o almoço foi sardinha com farinha, ali debaixo das moitas.

Como não sabia o nome dela, eu disse: “Senhora, preciso de um balde com água para tomar um banho. Eu sou a deputada Fátima Nunes, vou tomar posse agora e não posso vestir esse terno de linho com tanto suor e tanto cheiro de sardinha”. Ela disse: “Mas aqui



não tem banheiro.” Eu disse: “Me ajude!” Ela foi muito prestimosa, ajeitou as coisa, e eu tomei um banho e vesti a roupa.

Pela primeira vez uma mulher agricultora rural, professora, do sertão, lá de Cícero Dantas, de Paripiranga, daquele recanto, chegou ao espaço da Assembleia. Foi uma virada de jogo, Lucinha. Eu comemoro isso com muita alegria neste ano em que farei 60 anos de idade. (Palmas)

Não quero entregar sozinha essa placa para você. Quero entregar acompanhada de Maria Baixinha, que peço para subir a esta tribuna, e Aderian.

Aderian é filha de Dona Priscila, que adotou e criou dezessete filhos. Todos estudaram. Só não estão formados em doutor porque a cidade ainda não tinha faculdade. A Maria Baixinha é de Tucano. Imaginem vocês, ela tinha tudo para não dar certo, mas tudo deu e agora é advogada. Maria Baixinha, pequena, pobre, lutadora, mãe solteira e advogada. Parabéns! Viramos o jogo e fizemos a vitória! (Palmas)

(Entrega das homenagens.)

A Sr^a Aidil Santos de Jesus:- Boa-tarde. (Palmas)

Só tenho a agradecer a vocês, à Casa e a todas as mulheres. Muito obrigada pela homenagem. Eu fui muito prestigiada pela deputada Fátima Nunes. Eu nem esperava isso, estou aqui tremendo. Não tenho nada para falar. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4945-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Carlos Geilson

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Dando continuidade a esta sessão, pois daqui a pouco teremos outra sessão especial para comemorar o Dia da Água, convidamos o deputado Carlos Geilson para fazer o seu pronunciamento.

O Sr. CARLOS GEILSON:- Sr^a Presidente, Neusa Cadore, vice-presidente da Comissão dos Direitos da Mulher, deputada Graça Pimenta, abraçando essas duas deputadas estou cumprimentando a todas as deputadas e todas as integrantes da Mesa. Aqui estão os deputado Marcelino Galo e Bira Corôa.

Valeu a pena estar aqui até esta hora para vivermos e sentirmos tantas emoções, tantos momentos bonitos. Passa um filme por nossas cabeças e a emoção nos invade e a sessão fica por demais agradável. Cada exemplo, cada homenageada com a sua história e a sua biografia.

A minha homenageada tem 84 anos de idade, a conheço desde que nasci. Não é homenageada por ser mãe de um deputado, mas pela sua história de vida. Natural de Baixa Grande, criada no município de Mairi, casou-se com o Sr. Carlos Gomes, mãe de quatro filhos.

Na década de 60, onde morávamos, na zona rural de Feira de Santana, não havia escola por perto, então ela construiu uma escola, com toda dificuldade. E essa escola alfabetizou não só os seus filhos, mas também os filhos dos empregados e agregados. Ninguém pagava nada, as contribuições eram para manter a escola, comprar material didático e o fornecimento da merenda. À noite funcionava o curso de alfabetização para os adultos da localidade, e entre os alfabetizados estava o meu pai, Sr. Carlos Gomes.

E para manter essa escola, com todas essas dificuldades, ela aliava o trabalho de bordadeira e de costureira. Todo o dinheiro que recebia era aplicado na manutenção da escola. Depois, foi trabalhar no município de Feira de Santana como merendeira, porque na



época não tinha vaga para professora e, em seguida, quando a vaga surgiu, ficou por muitos anos até aposentar-se.

Para minha querida homenageada, a professora Jucélia, escolhi um poema de Carlos Heitor Cony, que passo a ler.

(Lê) “Ele era um garoto triste. Procurava estudar muito.

Na hora do recreio ficava afastado dos colegas, como se estivesse procurando alguma coisa.

Todos os outros meninos zombavam dele, por causa das suas meias vermelhas.

Um dia, o cercaram e lhe perguntaram porque ele só usava meias vermelhas.

Ele falou, com simplicidade: 'No ano passado, quando fiz aniversário, minha mãe me levou ao circo.

Colocou em mim essas meias vermelhas.

Eu reclamei. Comecei a chorar.

Disse que todo mundo iria rir de mim, por causa das meias vermelhas.'

Mas ela disse que tinha um motivo muito forte para me colocar as meias vermelhas.

Disse que, se eu me perdesse, bastaria ela olhar para o chão e, quando visse um menino de meias vermelhas, saberia que o filho era dela.

'Ora', disseram os garotos. 'Mas você não está num circo. Por que não tira essas meias vermelhas e as joga fora?'

O menino das meias vermelhas olhou para os próprios pés, talvez para disfarçar o olhar lacrimoso, e explicou:

'É que a minha mãe abandonou a nossa casa e foi embora. Por isso eu continuo usando essas meias vermelhas.

Quando ela passar por mim, em qualquer lugar em que eu esteja, ela vai me encontrar e me levará com ela.'”

Quero dizer à minha mãe - que não foi mãe só de seus filhos biológicos, mas também de tantas crianças que educou - que nenhum deles precisou usar meias vermelhas



porque ela nunca se afastou. A senhora nunca ficou longe não só daqueles meninos que a senhora alfabetizou na zona rural de Jaíba, em Feira de Santana, mas também daqueles adultos.

Muitos já partiram, não existem mais, mas, com certeza, são agradecidos pelos seus ensinamentos, pelo seu exemplo de vida, pela mãe dedicada e zelosa.

Esse poema traduz o seguinte: as meias vermelhas não foram necessárias, porque com o seu amor incondicional a senhora sempre esteve presente.

Quero chamar aqui na frente a minha mãe, a professora Jucélia. Peço ao meu sobrinho que a traga aqui.

Queria cantar, mas não sei. Então direi o seguinte:

“Eu tenho tanto para lhe falar... (O Plenário continua cantando, junto com o instrumental.)

A senhora gostaria de falar alguma coisa?

A Sr^a Jucélia:- Obrigada a todas as mulheres, a todas essas boas amigas. E obrigada a todos os que aqui estão. (Palmas!)

O Sr. CARLOS GEILSON:- A senhora representa as mães de todas as deputadas, de todos os deputados, de todas as funcionárias desta Casa e de todas as pessoas que vieram aqui participar deste momento.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



4946-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Neusa Cadore

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Parabéns à professora Jucélia!

Peço à deputada Graça Pimenta que assuma a presidência para eu poder fazer a minha homenagem.

Convido a secretária Vera Lúcia Barbosa para se aproximar.

Gente, como disse a deputada Fátima, chegando ao finalzinho, a gente fica assim com o coração cheio de impressões... Enfim...

Quando pensamos em escolher uma pessoa, lembrei logo de Lucinha. Vera Lúcia Barbosa virou Lucinha, sem perder a garra e sem perder a ternura. Lucinha nasceu na zona rural. Sabemos da dificuldade, Lucinha, também nasci na zona rural, que é romper, sair, encontrar oportunidade. Jovenzinha, até hoje, mas Lucinha muito cedo já se integrou na coordenação do Movimento Sem Terra em nível nacional, e muito cedo ela também se identificou com as mulheres do Movimento Sem Terra. Há anos, décadas, que Lucinha coordena as mulheres que acompanham e que defendem a bandeira da mulher a partir do campo. E ela se preparou e hoje, muito cedo, uma pessoa jovem assume uma tarefa muito grande.

Fátima também dizia que a gente tinha vontade de ter um milhão de placas, milhões de placas para distribuir. Mas, agora, queremos entregar esta placa a Lucinha. Depois de tudo que ouvimos, companheira, depois de termos esse privilégio de perceber muito fortemente, com emoção, com verdade, tanta coisa que foi dita aqui... Acho que você também recebe uma luz nova para o desafio que é estar na Secretaria de Políticas para as Mulheres aqui na Bahia, este Estado de mulheres tão guerreiras, este Estado que está avançando, está se tornando referência. Então, quero dar-lhe um abraço e dizer que nós depositamos em você muita confiança. Você está abrindo espaço de diálogo importantíssimo que vai ficar na história.



Então, essas flores, essa placa é para agradecer-lhe. Faço isso em nome das mulheres que estão aqui, das mulheres baianas e das mulheres do nosso universo, porque nós todas estamos nesta marcha por direito, por vida, para que sejamos feliz. (Palmas)

(A Sr^a Deputada faz a entrega de flores e da placa à homenageada, enquanto os convidados cantam.)

A Sr^a Vera Lúcia Barbosa:- Estou dizendo a Neusa que já falei, então, não posso alongar-me, mas muito obrigada a todas as deputadas. Ofereço esta homenagem a todas as mulheres. Estou em um espaço diferente, um espaço institucional, mas me reconheço na fala de Lúcia, na fala de todas as trabalhadoras rurais que estão aqui e de todas as mulheres que matam um leão por dia para continuar acreditando e sonhando com uma vida melhor.

Portanto, essa homenagem, elas a direcionaram a mim, mas acho que se destinam a todas as mulheres trabalhadoras rurais e a todas as sonhadoras que compõem esta Bahia, então, a nós. (Palmas)

A Sr^a **NEUSA CADORE**:- Agora, convido as mulheres que usaram da palavra – Isolda, Maria Alice, Jaqueline, nossa companheira da UNE, por favor venham aqui. Também convido Fátima Nunes, Ivana, Luiza e Laudano, porque elas também merecem uma placa, também merecem flores. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)



4947-III

Ses. Esp. 21/03/13

Or. Ailton Ferreira

O Dia Internacional da Mulher.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Queremos chamar o Sr. Ailton Ferreira, que está representando o secretário da Justiça. Simbolicamente, ele quer entregar camisas da campanha contra o tráfico de pessoas. Você pode usar, rapidamente, o microfone, Ailton.

O Sr. AILTON FERREIRA:- Boa-tarde a todos e a todas.

Quero cumprimentar a deputada Neusa Cadore, agradecer pelo convite e convidar a companheira Maiara para trazer as camisas.

Em nome da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos vamos entregar simbolicamente à deputada Neusa Cadore, presidente da Comissão da Mulher, e às demais deputadas a camisa da campanha do Comitê de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Já temos um núcleo funcionando no Centro Histórico, no Pelourinho, com uma série de atividades realizadas e outras planejadas. O comitê está funcionando, realizando reuniões mensais. Tivemos ontem a reunião do mês de março.

O Grupo Chame, coordenado por Jaqueline, vai-se incorporar a esse comitê, que é formado por entidades da sociedade civil e entidades governamentais, do governo do Estado da Bahia.

Vou entregar a camisa simbólica para a deputada Neusa Cadore. Gostaria de pedir para a companheira Maiara e os companheiros entregarem aos demais deputados e às deputadas presentes. (Palmas)

(O Sr. Ailton Ferreira procede à entrega da camisa a Sr^a Neusa Cadore.)

(Palmas)

O Sr. AILTON FERREIRA:- Por fim, gostaria de parabenizar e agradecer pelas emoções que pude viver aqui nesta manhã-tarde.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 21/03/13

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Queremos agradecer especialmente às mulheres, aos deputados da Comissão de Direitos da Mulher, às nossas assessorias que ajudaram a construir este processo, às pessoas convidadas, às que vieram de várias regiões da Bahia, às instituições. Acho que foi um momento muito rico para todas e todos nós.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia agradeço as presenças das Sr^{as} e dos Srs. Deputados, da imprensa e das autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Convido todos para participar de um coquetel lá fora.

Declaro encerrada a presente sessão especial.